



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Psicologia

THAINÁ FERNANDES AVELINO

**A AMBIVALÊNCIA EM PROCESSOS DE SEPARAÇÃO ENTRE
SUJEITO E OBJETO AMADO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA**

BRASÍLIA - DF

2018

THAINÁ FERNANDES AVELINO

RA: 21390986

**A AMBIVALÊNCIA EM PROCESSOS DE SEPARAÇÃO ENTRE
SUJEITO E OBJETO AMADO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA**

Monografia apresentada à Faculdade de
Ciência da Educação e Saúde (FACES),
do Centro Universitário de Brasília
(UniCEUB), com vistas a obtenção do
grau de Psicólogo.

Professor Orientador:

Dr. Juliano Moreira Lagoas

BRASÍLIA - DF

2018

RESUMO

Este trabalho visa investigar as formas de sofrimento psíquico advindas dos processos de separação a partir de uma análise acerca das relações entre amor, ódio e indiferença, na perspectiva da psicanálise freudiana. Com base nas estratégias metodológicas do “trabalho do conceito” e da “análise do discurso”, dando enfoque à possíveis articulações com a teoria psicanalítica, além de investigações relativas à rede conceitual da temática apresentada, o material colhido a partir das vivências dos personagens representados no filme “Pais e Filhas” (MUCCINO, 2016) foram convertidos em objeto teórico de análise para que fosse verificada a aplicabilidade dos conceitos e hipóteses levantadas. Foi examinado que, ao aplicar os conceitos e concepções freudianas em questão na análise de situações de separação entre sujeito e objeto amado, se favorece uma compreensão mais ampla dos fatores que propiciam certas escolhas objetais e o uso de um mecanismo de defesa em detrimento de outro.

Palavras-chave: Separação; Ambivalência; Perda do objeto; Psicanálise;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I – A DOR DA PERDA E A DINÂMICA DAS PULSÕES	12
CAPÍTULO II – AMBIVALÊNCIA: AMOR, ÓDIO E INDIFERENÇA	24
CAPÍTULO III – ANÁLISE DO FILME	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

INTRODUÇÃO

A separação entre o sujeito e o objeto amado, com toda a diversidade de contextos a que esse fenômeno se aplica, desencadeia um processo de luto e é tida como situação geradora de grande sofrimento psíquico. O tema deste trabalho são as formas de sofrimento advindos desse processo, não raramente marcado por sentimentos de amor, ódio e indiferença diante de vivências como o abandono, a morte, a desilusão e a humilhação.

Ao falar da separação entre o sujeito e o objeto amado, estamos recorrendo à temática do luto e das relações amorosas, campos esses trabalhados por Freud com grande destaque em suas obras. Isso fica evidenciado no ensaio “Luto e Melancolia”, quando Freud define o luto como “reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém” (1917a[1974], p.275), e nos três textos contidos em “Contribuições à Psicologia do Amor” – “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens” (1910b[1996]), “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor” (1912[1996]) e “O tabu da virgindade” (1917b[1996]), em que Freud trata o amor como um conceito polissêmico, não havendo um estatuto conceitual fechado sobre o que ele viria a ser, o que nos leva a pensar o amor mantendo a diversidade com que é utilizado nos discursos culturais (RAVANELLO; MARTINEZ, 2013).

Foi utilizada, portanto, a obra freudiana como referência teórica central, tendo em vista uma investigação dos mecanismos psíquicos em jogo nos processos de sofrimento psíquico concernentes às situações de perda do objeto amado. Apesar das grandes contribuições de Freud para o entendimento da dor advinda de situações de separação do objeto amado, não foi feito pelo autor um estudo aprofundado nas relações de amor, ódio e indiferença, questões levantadas no presente trabalho.

A sexualidade é o âmago da teoria freudiana, o mais importante elemento estruturante do sujeito, dialogando estreitamente com a concepção psicanalítica de amor. Um fato importante de ser ressaltado é que “usamos a palavra ‘sexualidade’ no mesmo sentido compreensivo que aquele em que a língua alemã usa a palavra *lieben* (‘amar’)” (FREUD, 1910a [1996], p.209). O termo “pulsões sexuais” é utilizado no lugar de “pulsões amorosas” em razão de sua origem, e a própria libido é descrita por Freud como energia das pulsões relacionadas ao amor, abrangendo o amor sexual, próprio, por

familiares, amigos, pela humanidade em geral, objetos concretos e ideias abstratas (FREUD, 1921[1996]).

Nasio afirma que “a dor só existe sobre um fundo de amor” (1997, p.18), uma vez que a experiência da perda de algo a que estamos intimamente ligados, algo que amamos, gera desordem e desencadeia um processo de reconstrução marcado pela dor. Vivida de maneira intensa, essa dor pode levar o sujeito a um limite, incitando o questionamento: diante do sofrimento advindo da separação, qual a distância entre um psiquismo bem regulado e o que assumiu uma disposição patológica? Quanto à essa questão, Freud (1917a[1974]) afirma que:

Embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida, jamais nos ocorre considerá-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico. Confiamos em que seja superado após certo lapso de tempo, e julgamos inútil ou mesmo prejudicial qualquer interferência em relação a ele (p.275-276)

É importante ressaltar que Freud, ao longo desse artigo e também em suas demais obras, traz uma reflexão que evidencia a incoerência em buscar estabelecer um limite entre o psicopatológico e o psiquismo bem regulado. Tendo como exemplo a melancolia, foi se tornando mais evidente que os mecanismos psíquicos relacionados a ela estão presentes na própria constituição normal, e este movimento de identificar grandes similaridades entre os dois funcionamentos que eram tidos como completamente distintos, indicando que não há de fato um “psiquismo bem regulado”, contribuiu para uma reconfiguração das relações entre normal e patológico.

O que ele afirma na citação lança luz sobre a diferenciação entre luto e melancolia, quadros caracterizados pelos mesmos traços de profundo desânimo e inibições, a não ser por uma importante diferenciação – a melancolia é marcada por uma intensa perturbação da autoestima, expressa por autorrecriminação e auto envilecimento, traço ausente no sujeito em luto. A variação percebida no surgimento desses processos é que a melancolia se dá a partir da perda objetal inconsciente, enquanto no processo de luto o indivíduo está plenamente consciente acerca de sua perda (FREUD, 1917a[1974]).

A situação de separação entre o sujeito e o objeto amado facilmente torna evidente como o amor, o ódio e a indiferença, sentimentos a princípio contraditórios, podem estar associados a um mesmo objeto. Bleuler (1910, citado por Pontalis, 2001), chamou de ambivalência afetiva a presença de sentimentos contraditórios direcionados ao mesmo objeto, tendo como exemplo a possibilidade de desejar e temer um acontecimento ao mesmo tempo, e evidenciou como esses sentimentos intervêm especialmente na

sexualidade. Bleuler (1915, citado por Kaufmann, 1996), destaca a complementaridade entre a ambivalência e o recalçamento, defendendo que os dois provêm da incapacidade de reunir duas percepções acerca do mesmo objeto – com um funcionamento mais saudável, diante de um aspecto negativo, o amor diminuiria, e diante de um aspecto positivo, o ódio diminuiria – mas quando não se é capaz de unir as diferentes tendências, tem-se sentimentos ambivalentes acompanhados do recalçamento: ama e odeia simultaneamente.

O amor em suas ambivalências não possui apenas um oposto, como aponta Freud (1915 [1996]) ao escrever que “o amar e o odiar considerados em conjunto são o oposto da condição de desinteresse ou indiferença” (p.154). Para maior compreensão acerca de como se estabelece a indiferença, podemos retomar o início da organização psíquica, quando o sujeito obtém satisfação em si mesmo e o mundo externo não lhe é fonte de prazer, logo, é entendido como indiferente ou desagradável, sendo essa condição denominada “narcisismo”. Entendendo o amar como relação entre o Eu e objetos que lhe são fonte de prazer, com a obtenção de prazer apenas em si próprio e a indiferença a outros objetos (mundo externo), a indiferença se torna antítese do amor.

Posteriormente no desenvolvimento da vida psíquica do sujeito, a partir do contato com novos objetos que se tornam fontes de prazer, estes são introjetados ao eu, enquanto aquilo que faz parte do eu e é visto como fonte de desprazer é expelido por meio do mecanismo da projeção. Dessa maneira, o mundo externo é entendido a partir da diferenciação entre aquilo que é fonte de prazer, que é agradável e foi incorporado ao eu, e o restante, que é estranho ao sujeito (FREUD, 1915[1996]). Dessa maneira o mundo externo, anteriormente indiferente, pode ser encarado com indiferença ou com ódio.

Tendo em mente as possibilidades de relação entre o Eu e o objeto, pode ser pensada a variedade de afetos que podem se derivar das situações de separação entre o sujeito e o objeto amado. Segundo Nasio (1997), os principais afetos ligados à situação de separação são: a dor da perda do objeto, o ciúme como suposta perda do amor que passa a ser dedicado a um rival, a angústia ligada à ameaça de ausência do objeto amado, a culpa pelo ato cometido que poderia levar à perda do objeto amado, a humilhação narcísica como um ferimento na autoimagem e, por fim, o ódio como reação à humilhação narcísica provocada pelo objeto amado, tendo esse ódio um papel reestruturante para com a imagem do indivíduo.

Dessa forma, verifica-se que tanto a mera ameaça de perder o objeto amado como a ocorrência da perda de fato são capazes de demonstrar de maneira dolorosa a

profundidade do enraizamento do objeto eleito no inconsciente. Diante dessa forma de sofrimento, ocorre como parte do processo de luto ou de melancolia “um combate travado na arena do inconsciente, entre um amor obstinado pela imagem do amado desaparecido e o ódio que permite desfazer-se dela” (NASIO, 1997, p.186).

Ainda de acordo com Nasio (1997), o abalo interno decorrente da situação de separação entre o sujeito e o objeto amado pode gerar tamanha lesão emocional que sua marca no inconsciente ocasionará no retorno desse conteúdo de variadas maneiras. Além das lembranças ligadas à ocasião infeliz e do medo de sofrer um novo acometimento, o sujeito pode manifestar uma lesão psicossomática, um afeto transfigurado em culpa ou mesmo uma conduta impulsiva, manifestando passagem ao ato. O fato esquecido pode reaparecer sem que o sujeito tome ciência de que se trata de uma repetição.

O sofrimento advindo da separação entre o sujeito e o objeto amado está presente nas demandas encontradas em consultórios, e questões para análise psicanalítica podem ser levantadas: Em que medida o conceito de ambivalência pode contribuir para a compreensão de processos que acarretam em sofrimentos psíquicos? Como os sentimentos de amor, ódio e indiferença são vivenciados em situação de perda do objeto amado? Que aspectos favorecem o uso de um mecanismo de enfrentamento em detrimento de outro diante de situações de separação do objeto amado?

O objetivo desta pesquisa foi investigar as formas de sofrimento psíquico advindas dos processos de separação, buscando identificar, a partir de uma análise acerca das relações entre amor, ódio e indiferença na perspectiva da psicanálise freudiana, os processos de subjetivação concernentes às situações de perda do objeto amado.

Considerando o objetivo acima, a pesquisa foi planejada em três etapas: (i) examinar as estruturas fundamentais dos conceitos freudianos de pulsão e de ambivalência referentes às relações entre amor, ódio e indiferença; (ii) investigar como os conceitos de pulsão e de ambivalência se relacionam à temática de separação entre sujeito e objeto amado; (iii) analisar como as vivências dos personagens do filme “Pais e filhas” permitem testar a aplicabilidade dos conceitos de pulsão e de ambivalência na explicação dos processos de sofrimento psíquico vinculados à experiência de separação entre sujeito e objeto amado.

Partindo de uma perspectiva psicanalítica freudiana, a partir das contribuições de Bleuler, Freud e Nasio para o conceito da ambivalência afetiva e para a compreensão acerca do sofrimento decorrente de situações de separação, este trabalho busca contemplar um assunto pouco abordado no campo de debates atual ao explorar a união

de ambos os temas. A partir dessa investigação, busca-se contribuir para a compreensão de fenômenos que se fazem bastante presentes em clínicas e outros espaços voltados para a promoção de saúde mental por poderem ocasionar intenso sofrimento psíquico, sendo a separação entre o sujeito e seu objeto amado uma experiência vivenciada por todo indivíduo. Portanto, o objeto de estudo em questão se faz relevante para o campo da psicologia por possibilitar o aprimoramento de tratamentos e intervenções, além de servir como contribuição acadêmica e para a formação profissional.

Método

O desenvolvimento deste trabalho foi baseado em duas estratégias metodológicas: o “Trabalho do Conceito” de Georges Canguilhem e a “Análise do Discurso” de Michel Pechêux, dando enfoque às possíveis articulações com a teoria psicanalítica.

A primeira estratégia metodológica, o “Trabalho de Conceito”, foi proposto por Georges Canguilhem, e este possui uma forte influência dos princípios da epistemologia histórica Gaston Bachelard, que traz como ideia fundamental o entendimento de um conceito a partir da sua relação com outros conceitos, em especial com a problemática que levou à construção do mesmo (LAGOAS, 2017). Com o entendimento de que o método deve proporcionar a possibilidade complexificar e aplicar conceitos, a proposta do Trabalho de Conceito caracteriza-se principalmente pelos seguintes aspectos: análise dos efeitos de sua relação com a rede conceitual na qual está inserido, expansão dos limites de aplicação do conceito, testagem da resistência do conceito a variações das condições de aplicabilidade e, por último, pela eficácia para responder questionamentos levantados (LAGOAS, 2017).

A análise psicanalítica do discurso, segunda estratégia metodológica, foi aplicada de maneira articulada à primeira, com base nos princípios da Escola Francesa de Análise de Discurso e da pesquisa psicanalítica. Um preceito fundamental para o desenvolvimento deste trabalho é que, na pesquisa psicanalítica, o método é construído no decorrer da investigação, não replicado de um modelo universal desde o princípio. Dessa maneira é respeitada a singularidade e as idiosincrasias dos conteúdos revelados a partir da escuta dos sujeitos investigados, aspecto central em um estudo que ressalta as manifestações do inconsciente (LAGOAS, 2017).

A articulação da análise do discurso com o método psicanalítico de pesquisa se justifica devido à estruturação do campo da experiência analítica de ambos por meio da

linguagem. A partir da perspectiva da Escola francesa de Análise de Discurso (AD), com enfoque nas contribuições de Michel Pechêux, a linguagem é um “sistema capaz de ambiguidade” (ORLANDI, 2005, p. 11), ocasionando na falta de clareza na fala e na escuta que pode não “explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação” (p. 10). Ao buscar uma compreensão mais ampla do dito e do não-dito, é levado em conta que “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós” (p. 18). Esta é a problemática que leva à elaboração da análise do funcionamento dos discursos.

O procedimento de construção de material de análise a partir da estratégia metodológica do “trabalho do conceito” ocorreu de acordo com as seguintes etapas: (i) levantamento bibliográfico sobre os conceitos a serem trabalhados, de ambivalência e de pulsão, assim como sobre as concepções freudianas sobre amor, ódio, indiferença e perda do objeto; (ii) seleção e sistematização do material, tendo como critérios a relevância, a extensão da abordagem do conceito na bibliografia levantada e o nível de aprofundamento das análises encontradas; (iii) produção de fichários bibliográficos e fichários de citações, resenhas críticas e notas de comentário que subsidiaram o trabalho do conceito.

Seguindo os princípios da estratégia metodológica da análise psicanalítica de discurso, o procedimento de construção do material se deu pela coleta do material bruto por meio da identificação de relatos e vivências retiradas do filme “Pais e Filhas”, da diretora Gabriele Muccino, lançado no Brasil em 2016. Com Russel Crowe, Amanda Seyfried e Aaron Paul no elenco, o filme conta a história de um novelista que tenta criar sozinho a filha de cinco anos após a morte da esposa, e, em outra linha temporal, mostra a menina já adulta, vinte anos depois, com uma grande dificuldade em criar vínculos relacionais enquanto memórias do seu passado ainda lhe causam grande sofrimento.

A escolha do filme foi feita a partir dos processos vivenciados pelos personagens na obra cinematográfica, de forma que esta favorecesse a investigação acerca dos temas levantados no presente trabalho. Enfocando a personagem central da trama, Katie Devis (Amanda Seyfried) vivencia a morte da mãe e o afastamento do pai, que precisa passar um período de internação devido a episódios de surtos psicóticos, o que acarreta em grande sofrimento psíquico para a menina que, enquanto jovem adulta, se percebe como incapaz de amar e apresenta forte ambivalência afetiva ao conhecer Cameron (Aaron Paul).

Após a transcrição do material obtido a partir do filme, o “dado” foi transformado em “texto” por meio da análise superficial linguística que considera informações como o que foi dito, por quem, como e em que circunstâncias, de forma que o que foi colhido se converta em objeto teórico de análise (IRIBARRY, 2003, apud LAGOAS, 2017).

Já quanto aos procedimentos de análise do material, seguindo a metodologia do trabalho do conceito, foram seguidos os seguintes passos: (i) identificação dos problemas aos quais os conceitos levantados, ambivalência afetiva e pulsão, visam responder; (ii) levantamento de hipóteses com o objetivo de analisar os efeitos da relação entre os conceitos de ambivalência afetiva e pulsão com a rede conceitual a que se inserem; (iii) proposição de situações analíticas especialmente nas esferas clínica e social que permitam a testagem da resistência dos conceitos trabalhados diante da variação das condições de sua aplicação, buscando responder questões que não foram inicialmente levantadas no contexto de sua origem epistemológica; (iv) produção de relatórios que descrevam os desenvolvimentos da pesquisa e articulem as reflexões construídas ao longo do processo de investigação.

Segundo os preceitos do método da análise psicanalítica do discurso, os procedimentos foram (i) fazer a identificação dos processos discursivos presentes nos objetos discursivos construídos na fase anterior da pesquisa, buscando reconhecer os índices e pistas dos processos de significação presentes no texto; (ii) construir hipóteses sobre os “não-ditos” do objeto discursivo analisado, considerando que “há sempre no dizer um não-dizer necessário” (ORLANDI, 2015, p. 81); (iii) localizar as posições subjetivas e os processos de produção de sentido que emergem das articulações entre os “ditos” e os “não-ditos”; (iv) analisar as posições subjetivas e os processos de produção de sentido à luz do referencial psicanalítico, particularmente dos conceitos de ambivalência e pulsão.

CAPÍTULO I – A DOR DA PERDA E A DINÂMICA DAS PULSÕES

Em seu ensaio “O mal-estar na civilização”, Freud (1930[1996]) chegou à conclusão de que o sofrimento ameaça o sujeito a partir de três direções: pelo próprio corpo, fadado à decadência e à dissolução; pelo mundo externo, que pode voltar-se contra ele de maneira impiedosa; e, por fim, pelos relacionamentos com outros sujeitos. O autor relata que o sofrimento originado por essa terceira direção, tão inevitável quanto os outros, tende a ser o mais penoso.

Dessa forma, o sofrimento originado nas três direções pode ser traduzido em termos de processos de separação entre o sujeito e o objeto amado. A decadência do próprio corpo leva o sujeito a desfazer-se de sua jovialidade e de tudo aquilo que para ser alcançado a tem como condição. O sofrimento originado no mundo externo, que pode se originar desde desilusões com seus ideais a eventos não-normativos, como acidentes e episódios de violência, também leva o sujeito a se deparar com a perda de algum objeto, possivelmente mais abstrato, que lhe é importante. Por fim, o sofrimento advindo dos relacionamentos humanos muitas vezes é vivenciado como o mais difícil de se entrar em conformidade, pois tende a ser visto como evitável e injustificado, podendo ter no distanciamento uma opção de defesa imediata.

O vínculo construído entre o sujeito e o objeto pode ser ameaçado por diversos fatores, havendo um risco de rompimento muitas vezes iminente. Tanto as circunstâncias da perda quanto o nível de dependência desenvolvido para com o objeto afetam o esforço necessário para que ocorra o desligamento, dificultando o processo de reorganização da vida do sujeito (KOVÁCS, 1992).

Para Caruso (1968[1986]), em sua obra *A separação dos amantes – uma fenomenologia da morte*, a separação é para o sujeito uma vivência de morte em vida. Esse processo pode alcançar uma magnitude tão vigorosa que a reação diante dela pode perpassar algumas das possíveis hipóteses de respostas do sujeito diante das situações de perda, sendo elaboradas por Caruso as seguintes categorias:

1. “A catástrofe do Eu”: o rompimento da ligação com o objeto, elemento de forte identificação, representa uma grave ameaça de mutilação do Eu que leva a uma situação de regressão. Diante disso, o sujeito recorre a mecanismos de defesa que o protegeriam da aniquilação de sua consciência (psicose), do morrer psicossomático ou do suicídio.

2. “A agressividade”: dá origem à desvalorização daquilo que se torna ausente para que o Eu, profundamente ferido, possa reverter o processo de identificação com o objeto. O afeto de amor, antes presente, dá lugar ao ódio para favorecer o desligamento do objeto. No entanto, esse afeto o mantém ligado ao sujeito de maneira que burla a censura do Supereu e torna-se aceitável para o Eu.

3. “A indiferença”: tratada aqui como a repressão e rejeição do valor do objeto, diminuindo sua idealização egóica, o sujeito expressa falta de interesse no objeto. É o embotamento afetivo que com a renúncia do prazer protege do desprazer.

4. “Fuga para adiante”: manifestando-se como fuga na atividade, as doses flutuantes de libido buscam novos objetos, podendo isso estar presente de maneira bastante sublimada ou bem explícita na busca de um substituto.

5. “Ideologização”: quando ocorre a racionalização, podendo ser variada a ideologia que legitima o desligamento do objeto, tendo como exemplos a filosofia estoica, a autoconsciência heroica, um ceticismo moderado ou devoção religiosa.

É ressaltado que, diante da situação de separação, o sujeito não necessariamente passa por todos esses mecanismos de defesa. Estes podem se entrelaçar e apresentar variadas intensidades, manifestando uma dinâmica psíquica inconsciente em que o sujeito passa por uma reorganização que o defenda das experiências causadoras de sofrimento.

Quando os mecanismos mencionados não são suficientes para evitar essa dor, Kovács (1992) aponta para a recorrência do suicídio após a separação ou mesmo como prevenção diante da ameaça da perda. Sendo descrito de maneira mais estrita, o suicídio é “uma autoeliminação consciente, voluntária e intencional” (p. 165), e de maneira mais ampla, pode abranger também “processos autodestrutivos inconscientes, lentos e crônicos” (p. 165).

Dentre as controvérsias dos atos de suicídio, é encontrada a ambiguidade entre o querer viver e o querer morrer. Deve ser analisada a possibilidade ou não de reversão do método utilizado para acabar com a vida, além das possíveis providências que viabilizariam a intervenção de terceiros. Dessa forma, são possíveis diferentes graus de intencionalidade quanto às ideias de suicídio do sujeito, crescendo de desejo para ameaças, evoluindo para tentativas e, por fim, ao ato consumado (KOVÁCS, 1992).

Ainda de acordo com Kovács (1992), para a consolidação do ato suicida é necessário que coexistam três componentes. O primeiro é o desejo de matar, expressão da pulsão destrutiva que pode ser composta por uma erotização parcial, possibilitando a obtenção de prazer por meio de atos sádicos. Em atos autodestrutivos, o amor e o ódio

anteriormente associados a um objeto externo passam a ser direcionados ao próprio sujeito, e o desejo de assassinar o outro, após sofrer interferências e censuras do psiquismo, faz com que as hostilidades antes ocultas em relação ao objeto amado sejam descarregadas no próprio sujeito. É importante ressaltar também que há um elemento vingativo no suicídio, tendo em vista que ele pode infringir sofrimento a pessoas vinculadas ao indivíduo que comete o ato.

Os outros componentes que devem estar presentes são o desejo de ser morto e o desejo de morrer, sendo que o primeiro é possível sem o segundo. Após executar o ato que causaria a sua morte, muitos procuram reverter sua situação solicitando ajuda. No ato suicida há a busca de prazer na dor como forma extrema de submissão, e o método utilizado pelo sujeito pode levar a algumas associações entre elementos de punição e elementos de prazer (KOVÁCS, 1992).

Ideias suicidas, por serem de grande complexidade, devem ser analisadas minuciosamente a partir das singularidades de cada um. Elas não devem ser interpretadas como consequência direta de um acontecimento específico na vida do sujeito, como uma demissão ou um rompimento amoroso, pois, apesar de esses poderem funcionar como elementos desencadeantes, trata-se de um processo que se construiu ao longo do tempo, podendo o seu início remeter à infância do sujeito (KOVÁCS, 1992).

Dentre algumas representações da morte levantadas para uma melhor compreensão do suicídio, estão algumas fantasias que podem ser geradas diante da perda do objeto: a de reencontro com outras pessoas, da fuga de uma situação intolerável e a de satisfação de tendências de autopunição. Os processos de luto podem estar estritamente relacionados ao suicídio, pois a dificuldade de elaboração da perda pode ocasionar em desejos de morte conscientes ou inconscientes, acarretando também em atos inconscientes de autodestruição, além dos sentimentos ambivalentes de amor e ódio direcionados ao objeto amado que foi perdido (KOVÁCS, 1992).

Desvendar as fantasias inconscientes relacionadas à morte contribui para a compreensão das “mortes parciais do dia-a-dia” (KOVÁCS, 1992, p. 105), e os componentes autopunitivos, eróticos e agressivos em relação ao ambiente devem ser observados. Há os impulsos destrutivos que são neutralizados em parte, levando à autodestruição crônica ou parcial, em que o sofrimento é arrastado para que o sujeito não se depare diretamente com a morte. Dessa forma, ele passa a viver com uma diminuição das funções, sendo algumas das possibilidades a ocorrência do martírio, a invalidez

neurótica, o vício em álcool e outras drogas, as psicoses, os comportamentos antissociais, a automutilação, doenças, envolvimento em acidentes e cirurgias.

Ao falar de impulsos destrutivos voltados contra o próprio sujeito, como foi exposto por Kovács (1992), retomamos um conceito amplamente discutido em Freud, o das pulsões, definido como:

limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo (FREUD, 1915a[1996], p.42)

Amplamente discutido, o conceito de pulsão abarca também outros componentes como: impulso, que é compreendido como a soma de força que a pulsão representa; meta, que é a satisfação alcançada ao cessar a estimulação na fonte do estímulo, o que pode ocorrer apenas parcialmente; objeto da pulsão, aquele pelo qual a pulsão alcança a meta e que pode ser substituído por outro com frequência e; fonte, que se refere à origem do estímulo que levou ao impulso (FREUD, 1915a[1996]).

Freud (1915a[1996]) sugeriu, para fins didáticos, a distinção entre duas classes de pulsões, as voltadas para a autoconservação e as sexuais. Essa necessidade surgiu a partir do estudo das psiconeuroses, quando foi averiguado que “o conflito entre as exigências da sexualidade e as do Eu se encontra na raiz de cada uma dessas afecções” (p. 45). Ideias intoleráveis geram no psiquismo uma necessidade de proteção do Eu, e assim, a partir de um mecanismo de defesa, o sujeito busca recusar ideias incompatíveis.

Em seu trabalho anterior, Freud (1894[1996]) aponta que essa recusa não tem êxito total, pois tanto o afeto correspondente como o traço mnêmico deixado pela ideia não podem ser arrancados da psique. A opção é enfraquecer a ideia que se busca recusar, desassociando dela a excitação correspondente (sendo o termo “excitação” substituível pelo termo “afeto”), que assume outra direção.

A partir dos estudos de Freud sobre a histeria, Mezan (2011) afirma que o mecanismo de defesa é o mesmo para o grupo das neuroses, mas as direções tomadas pela excitação separada da ideia original variam de acordo com a estrutura psíquica do sujeito. Na histeria, a excitação é convertida, havendo somatização total ou parcial, mas ainda há os conflitos derivados da recordação da ideia incompatível e dos desajustes associados à somatização. Para a defesa do Eu, a ideia é reprimida e se torna um núcleo no qual irão se agrupar afetos procedentes de outros eventos perturbadores semelhantes ao primeiro.

Há a possibilidade de que essa ideia, após ser fortalecida, se transponha para o conjunto psíquico consciente, iniciando um ciclo em que novos conflitos levam a novas

conversões. Devido à instabilidade da excitação, as ideias não raramente retornam ao Eu, o que leva a duas alternativas: ou à elaboração associativa (princípio dos sintomas histéricos contínuos) ou uma descarga maciça por meio do ataque histérico (MEZAN, 2011).

Essas são características apresentadas no psiquismo do sujeito com predisposição à conversão, e caso essa predisposição não seja presente, o afeto desassociado da ideia não será somatizado, permanecendo na esfera psíquica. A ideia enfraquecida não se associará às demais, mas seu afeto sim, a outras ideias compatíveis com o Eu. Por sua vez, em decorrência da conexão “artificial” entre a ideia e o afeto, são originadas as obsessões (MEZAN, 2011).

Freud (1894[1996]) notou que, em todos os casos com que se deparou, a origem da ideia incompatível era na vida sexual, “que traz em si as mais numerosas oportunidades para o surgimento de representações incompatíveis” (p.27). É justamente na objeção a essa ideia que a obsessão toma seu lugar como um substituto na consciência do sujeito. A representação obsessiva em si mesma não é de grande intensidade, mas assume um afeto “incompreensivelmente forte” (p. 28). Assim, Freud reconheceu os mecanismos de defesa das diferentes neuroses: a conversão do afeto é característica da histeria, enquanto o deslocamento do afeto é característico da neurose obsessiva e das fobias.

Em seu ensaio “O Inconsciente” (1915b), Freud caracteriza o inconsciente enquanto sistema psíquico que, em sua essência, apresenta representantes pulsionais que buscam uma descarga de seu investimento, de impulsos de desejo. Nesse sistema, entre os diferentes impulsos pulsionais não há contradição, não há dúvida, e quando acionados simultaneamente, mesmo que suas metas sejam evidentemente incompatíveis, um não enfraquece ou elimina o outro, mas sim concorre pela formação de um objetivo intermediário, denominado por Freud de “solução de compromisso”. A dúvida é fruto da censura que age entre o Ics (inconsciente) e o Pcs (pré-consciente), no Ics só existem conteúdos investidos com maior ou menor intensidade.

Diante do avanço no estudo da pulsão, Freud (1923[1996]) questiona a oposição entre as pulsões do Eu e as sexuais, que passam por uma unificação: juntas, são denominadas pulsões de vida, ou Eros. Um conceito que contribuiu para a revisão da teoria das pulsões foi o do narcisismo, tendo em vista que antes mesmo da publicação de seu estudo “Sobre o Narcisismo: uma introdução” (1914[1996]), Freud (1911[2012]) já havia apresentado o termo como uma fase da evolução sexual, em que “o sujeito toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor” (p.52). Posteriormente,

investigações associadas à ideia de que o próprio eu poderia ser alvo de investimento libidinal, o que de certa forma contrapõe a oposição entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, levou ao que pode ser chamado de segunda fase da teoria pulsional.

Sendo possível a redução a apenas duas categorias, a das pulsões de vida, que englobariam as exigências auto preservativas, de preservação da espécie, de amor egóico e de amor objetal, e a categoria das pulsões de morte, destrutivas, Freud (1938[1996]) afirma que:

O objetivo do primeiro desses instintos básicos é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las – em resumo, unir; o objetivo do segundo, pelo contrário, é desfazer conexões e, assim, destruir coisas. No caso do instinto destrutivo, podemos supor que seu objetivo final é levar o que é vivo a um estado inorgânico. Por essa razão, chamámo-lo também de *instinto de morte* (p. 92)

Um aspecto relevante da dualidade entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, ou a erótica e de destruição, é a possibilidade de fusão e de “desfusão” de ambas. Um exemplo clássico de fusão pulsional é o componente sádico da pulsão sexual, e um exemplo de “desfusão” seria o sadismo que se tornou independente como perversão. Assim, o autor observa que, para que ocorra a descarga, a pulsão de destruição fica em função de Eros (FREUD, 1923[1996]).

Ilustrando o exemplo citado de fusão das pulsões em um mesmo ato, o autor expõe como, no ato sexual, existe a busca por uma união íntima a outro sujeito, e se for presente um excesso de agressividade, o amante pode tornar-se um transgressor sexual, enquanto uma diminuição expressiva do fator agressivo pode torná-lo impotente. As forças opostas, atração e repulsão, dão origem a uma variedade de fenômenos, e o acompanhamento das vicissitudes da libido se faz mais claro do que o acompanhamento da pulsão destrutiva, que opera silenciosamente e só é notado quando é desviado para o externo como pulsão de destruição. Essa pulsão não possui um termo para descrever sua energia como ocorre com o equivalente “libido”, referente às pulsões de Eros (FREUD, 1938[1996]).

Dessa forma, Freud (1924[1996]) afirma que não são encontradas puras pulsões de vida ou de morte no psiquismo, sendo a agregação de ambos, em graus diversos, necessária para o seu amansamento. Esse processo se faz necessário pois, apesar da tolerância mútua entre eles, conflitos estão fadados a acontecer devido às divergências dos objetivos de cada um.

Freud (1924[1996]) adotou o termo “princípio do Nirvana”, usado por Barbara Low para referir-se à tendência do psiquismo a buscar a estabilidade, o que faz com que

os processos psíquicos busquem a redução total da excitação produzida, ou busquem mantê-la tão baixa quanto for possível. Dessa forma, ele é uma expressão da pulsão de morte, enquanto o princípio do prazer reflete as demandas da libido e o princípio da realidade se encarregaria das exigências do mundo externo.

Portanto, o desvio como pulsão de destruição parece imprescindível para a autopreservação, e o aparelho muscular parece servir a esse intuito, sendo a fixação da agressividade, principalmente da autodestrutiva, um risco para a saúde do sujeito. A contenção dessa agressividade conduz à mortificação, e a autodestrutividade que pode resultar, por exemplo, no ato de arrancar os próprios cabelos ou cortar-se, mantendo uma parcela dessas pulsões que se mantem interna, até alcançar, enfim, a morte do sujeito (FREUD, 1938[1996]).

A partir dessas observações, mesmo quando realmente se trata de uma transformação, não sendo o caso de uma mudança no comportamento do objeto do afeto e sim de modificações puramente internas, Freud (1923[1996]) afirma que não há base para se afirmar uma clara distinção entre pulsões eróticas e pulsões de morte. Assim, o componente Eros é mais facilmente identificável nessa polaridade, porém, na pulsão de destruição que vem associada ao ódio, é incerta a identificação de um representante da evasiva pulsão de morte. A experiência evidencia que a ambivalência dos afetos de amor e ódio estão presentes nos relacionamentos, e frequentemente o ódio se transforma em amor e vice-versa.

Ele lança luz a essa questão introduzindo a hipótese de um novo mecanismo explicaria essa transformação de amor em ódio: uma energia deslocável e neutra, ativa no Eu e no Isso, procedente de um estoque narcísico de libido e que possa ser somada a um impulso erótico ou destrutivo. Dessa forma, se presume que essa libido deslocável facilite a descarga e neutraliza bloqueios, agindo conforme o princípio do prazer.

Ainda quanto à teoria das pulsões, Freud (1938[1996]) afirma que as dificuldades encontradas pelo sujeito em lidar com as necessidades de ajustes ao mundo externo é o que se encontra na fonte das pulsões de morte, e um fator fundamental para a compreensão acerca da capacidade de adaptação do sujeito é a impermanência da libido:

Uma característica da libido que é importante na vida é a sua mobilidade, a facilidade com que passa de um objeto para outro. Isto deve ser contrastado com a fixação da libido a objetos específicos, a qual frequentemente persiste durante toda a vida (p. 93).

Quanto aos possíveis destinos das pulsões sexuais, retomamos o ensaio de Freud “Os instintos e seus destinos” (1915a[1996]), onde são levantadas algumas alternativas,

sendo elas: a reversão no contrário, o voltar-se contra a própria pessoa, a repressão e a sublimação (p. 46). Dando enfoque aos dois primeiros mecanismos, a reversão ao contrário ocorre de duas maneiras distintas, pela “conversão da atividade em passividade e a inversão de conteúdo”, e o autor afirma que:

Exemplos do primeiro processo se acham nos pares de opostos, sadismomasoquismo e voyeurismo-exibicionismo. A reversão diz respeito apenas às metas do instinto; substitui-se a meta ativa: atormentar, olhar, pela passiva: ser atormentado, ser olhado. A inversão de conteúdo se encontra apenas no caso da transformação de amor em ódio (p. 47).

Segundo Freud (1915a[1996]), o processo de “voltar contra a própria pessoa” é caracterizado pela conservação da meta, mas com uma mudança de objeto. Um exemplo é o masoquismo, que consiste em um sadismo direcionado contra o próprio eu, em que o sujeito se satisfaz com a agressividade voltada contra si.

A vida de cada pulsão pode ser decomposta em uma série de momentos, cronologicamente distintos, que se conduzem como erupções sucessivas (FREUD, 1915a[1996]). Dessa forma, a erupção primária da pulsão segue sem alterações, enquanto as seguintes podem estar sujeitas a algumas das alterações mencionadas anteriormente como possíveis destinos. O fato de a evolução dessas pulsões possibilitar a coexistência de dois movimentos pulsionais opostos, o primário e o seu contrário, ou seja, seu oposto, remete ao conceito da ambivalência, destacado por Bleuler e introduzido na teoria psicanalítica por Freud.

CAPÍTULO II – AMBIVALÊNCIA: AMOR, ÓDIO E INDIFERENÇA

Freud, em seu ensaio *Totem e Tabu* (1913[2012]), destaca a relevância da ambivalência emocional, se referindo a ela como uma coexistência de opostos, sentimentos de amor e ódio direcionados ao mesmo objeto. Segundo o autor, a ambivalência está presente na raiz de importantes instituições culturais e, como fenômeno fundamental de nossa vida afetiva, em grande parte se desenvolve a partir do conflito edipiano, pois uma de suas dimensões centrais é a ambivalência entre o amor e o ódio dirigido aos pais. Dessa forma, o menino sente amor e admiração pelo pai, porém, ao desenvolver seu investimento objetal pela mãe, identifica-se com o pai e busca tomar o seu lugar, o que coloca impulsos afetuosos e hostis lado a lado. O valor do estudo da ambivalência para a psicanálise fica evidente no caso do Pequeno Hans (1909[1996]), em que a ambivalência de seu conflito com o pai se intensificou o suficiente para que o deslocamento deste conteúdo desse origem a uma fobia por cavalos.

Em seu ensaio “Os instintos e suas vicissitudes” (1915[1996]), Freud também explora a temática dos sentimentos ambivalentes. A compreensão desse fenômeno se dá a partir da origem do amor e das relações que dela advém, pois não superados por inteiro os estágios preliminares do amor, o ódio se mescla à afeição, e o mesmo ocorre a partir da recusa parcial das pulsões do eu. Dessa maneira, conflitos entre os interesses do eu e os do amor dão vazão ao ódio originado nas pulsões de preservação do eu.

Outra situação que evidencia a ambivalência nas relações é a recriminação da pessoa enlutada, pois não raramente, em uma disposição para neurose obsessiva, o sujeito se culpa pela morte de um ente querido. Freud afirma que há uma reação de censura do desejo inconsciente de caráter destrutivo anteriormente direcionado ao objeto, que indicaria uma satisfação a partir da morte do objeto amado. Freud afirma que essa ambivalência está presente na constituição de todos, em variados graus, e pode levar a vivência do luto a um tom patológico (FREUD, 1915a[1996]).

Ainda quanto a disposições para neurose obsessiva, com as ambivalências já existentes reforçadas, está presente uma satisfação das tendências sádicas devido ao ódio relacionado ao objeto, e, trazendo o exemplo de um quadro melancólico, o ódio retorna ao eu do indivíduo:

Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja – se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. (FREUD, 1915a[1996], p.284)

O autor também aponta que, quando se observa a transformação do amor em ódio como consequência da separação entre o sujeito e seu objeto de amor, o sentimento de ódio motivado pelas circunstâncias da separação é acentuado devido à “regressão do amor ao estágio sádico preliminar, de modo que o ódio adquire um caráter erótico e que a continuidade de uma relação de amor é garantida” (FREUD, 1915a[1996], p.161).

Segundo da Costa (2016), a ambivalência entre o amor e o ódio compõe grande parte dos fenômenos observados dentro e fora da clínica psicanalítica, tendo como possíveis consequências:

(...) incapacidade de se envolver profundamente nos relacionamentos, intranquilidade, forte sentimento de culpa, retraimento, falta de confiança na capacidade construtiva, sentimentos de inadequação, angústias pela falta de motivação para iniciar ou dar continuidade a qualquer trabalho, depressões com ou sem explosões agressivas, etc. (p. 9)

Segundo observações de Freud (1916[1996]), aquele que sofre de opressiva culpa, sem ter consciência de sua origem, sente alívio após cometer um delito, pois a culpa passa a ter algo que a justifique. Apesar de paradoxal, podia-se afirmar que a culpa não se originou no delito, pois ao investigar em seu consultório a origem dos sentimentos de culpa, inicialmente em criminosos e posteriormente de maneira ampliada à humanidade, Freud aponta que é nos intentos criminosos direcionados ao pai e à mãe através do complexo de Édipo que se inicia o tormento que os coloca atrás de um castigo.

Considerando que essa necessidade de punição não é consciente, Freud (1924[1996]) avalia que uma tensão entre o Eu e o Supereu seria responsável pela expressão da culpa, uma vez que o Eu reage à percepção de que não alcançou as exigências de seu ideal (Supereu), e essa expressão pode ser traduzida como necessidade de punição pelas mãos de um poder paterno, sendo o complexo de Édipo a fonte do sentido ético individual do sujeito. Assim, a busca pela satisfação do sentimento inconsciente de culpa consiste em um grande obstáculo clínico, uma vez que leva o sujeito à direção contrária ao restabelecimento de sua saúde, se recusando a ceder em seu estado de mal-estar.

Para melhor compreensão das ambivalências dos sentimentos, podemos pensar no psiquismo como regido por três polaridades: o sujeito (Eu) em oposição ao objeto (mundo externo), o prazer em oposição ao desprazer e o ativo em oposição ao passivo (FREUD, 1915a[1974]).

A partir da perspectiva das polaridades, a passagem da fase narcisista à fase objetal significa que as relações entre o Eu e o objeto são fonte de prazer e de desprazer. Aquilo

que causa prazer desperta o desejo de trazê-lo para mais perto ou até mesmo incorporá-lo ao Eu, e a intensa atração do sujeito por um objeto caracteriza o sentimento de amor. Ao reconhecer a possível finalidade de incorporação do objeto ao Eu, este tipo de amor se mostra compatível com a anulação da existência do objeto quando distante do sujeito, uma conjuntura que pode ser entendida como ambivalente. Já quando, diante de sensações desagradáveis, o sujeito busca distanciar seu Eu do objeto, a repulsão pode chegar a uma inclinação agressiva para com o objeto, e essa aversão intensa pode ser descrita como ódio. Dessa forma, a antítese amor-ódio é uma reflexão tanto da polaridade sujeito-objeto quanto prazer-desprazer (FREUD, 1915a[1996]).

É importante ressaltar que, durante a fase que precede a pré-genital, ainda na sádico-anal, o amor não se diferencia do ódio pelo que se exterioriza na atitude do sujeito para com o objeto: “a luta pelo objeto aparece sob a forma de uma ânsia (*urges*) de dominar, para a qual o dano ou o aniquilamento do objeto é indiferente” (FREUD, 1915a[1996], p.160). Essa organização tem como função satisfazer as finalidades sexuais enquanto as complexas pulsões sexuais ainda estão em desenvolvimento. É após a organização genital que se tornará mais evidente a diferenciação entre amor e ódio.

A palavra “amor”, sendo atribuída a relações de prazer, é intimamente ligada à esfera da sexualidade. Já quando se trata do ódio sentido pelo Eu, a necessidade de evitar ou destruir o objeto que é fonte de desprazer se origina de “uma frustração quer da satisfação sexual, quer da satisfação das necessidades auto preservativas” (FREUD, 1915a [1996], p.160). Logo, prevalece a luta pela preservação do Eu.

Quanto aos mecanismos de preservação do Eu, o modo de se relacionar com o outro em sociedade no contexto do século XXI tem levantado discussões acerca do que veio a ser denominado como a cultura da indiferença (DUNKER, 2017). Caracterizada pela forma do sujeito de se alienar de tudo com que ele não se identifica, seja por uma incompatibilidade com os próprios valores, estilo de vida ou zona de gosto, esses conteúdos geradores de conflitos são percebidos de uma maneira amorfa e tratados com indiferença.

Dessa forma, as polaridades sugeridas por Freud (1915a[1974]), em que o sujeito (Eu) se opõe ao objeto (mundo externo) e o prazer se opõe ao desprazer, jogam luz à forma em que, ao entrar em contato com novos objetos, aquilo que vem do mundo externo e não se torna fonte de prazer para o sujeito passa a ser percebido como objeto indiferente ou desagradável, enquanto o que gera prazer é incorporado ao Eu. Assim, o sujeito desenvolve meios de se afastar daquilo que lhe é externo, filtrando e criando barreiras

entre si e outros objetos, agindo por evitação ao transformar a sua realidade em oposição à possibilidade de transformar a si mesmo (DUNKER, 2017).

Dunker (2017) afirma que, ao optar por essas ferramentas de distanciamento, o sujeito nega a possibilidade de compreender o outro, o colocando em um espaço de invisibilidade e mantendo a diferença em um nível em que ela está administrada, permitindo que o sujeito se encontre em uma posição denominada popularmente como zona de conforto. Por conseguinte, para se formar e manter esse espaço de indiferença em relação à sua alteridade, é construída e mantida uma cultura de indiferença em que se formam agregações de identidade, bolhas de semelhantes, cada vez mais autossustentadas e sedimentadas.

A exclusão de diferentes espaços, discursos, valores e estilos de vida, as recusas à diversidade representam, de acordo com Dunker (2017), um empobrecimento do próprio sujeito, que acaba por limitar de maneira progressiva o seu espaço, cercado-se de objetos facilmente introjetáveis ao seu Eu, que representariam meras repetições de si mesmo. Possíveis consequências para esse fenômeno são “a depressão, o tédio, o sentimento de irrelevância, de inadequação corporal e de menos valia” (DUNKER, 2017), o que pode conferir à cultura da indiferença um estado catalizador de patologias sociais. O autor destaca como a exposição a diferenças, a novas perspectivas e experiências, traria benefícios não apenas coletivos, mas também individuais, a medida em que o conflito se faz enriquecedor por tornar o sujeito mais interessante para si e para o outro.

Outro afeto relacionado às necessidades auto preservativas é o ciúme, compreendido como uma variação da dor psíquica intrinsecamente ligada ao amor e ao ódio, sendo entendido como a reação à presunção de que o amor do objeto, que deveria estar sendo direcionado ao próprio sujeito, passa a ser direcionado a um rival. Logo, há a união entre a dor da perda do amor, a ferida à integridade da figura narcísica, o ódio contra aquele que detêm o amor em seu lugar e a culpa por não obter sucesso em manter o amor do objeto direcionado para si (NASIO, 1997).

Segundo Freud (1914[1996]), o tom afetivo das relações interpessoais que o sujeito desenvolve em sua vida adulta, suas escolhas de amizades e amores, são feitas a partir daquilo que foi fixado em seus primeiros modelos. Dessa forma, a natureza e a qualidade das relações entre o indivíduo e as figuras mais significativas de sua infância já se fixaram antes da puberdade, e os objetos encontrados posteriormente se tornam aqueles que de alguma forma substituem os primeiros, sendo possível o desenvolvimento

e transformação dessas formas de se relacionar, mas não a eliminação daquilo que foi fixado na infância.

Freud (1912[1996]) levanta “condições amorosas” que indicam algumas tendências e critérios dos homens para que seja feita a escolha do objeto amado, e foi evidenciado que certas escolhas objetais expõem a questão da impotência psíquica. O autor ressalta que isso ocorre ou não a depender do objeto sexual, devido a características deste que geram uma barreira, uma intenção inconsciente que supera a consciente. Mediante análise psicanalítica, foi constatado que devido ao desenvolvimento incompleto da libido, “não se juntaram duas correntes cuja união é imprescindível para uma atitude inteiramente normal no amor, duas correntes que podemos caracterizar como a terna e a sensual” (FREUD, 1912[1996], p. 272).

Dessa forma, a corrente terna é a primária, se originando nos primeiros anos de vida e sendo direcionada àqueles que provém cuidados ao sujeito em sua infância. Com base na pulsão de autoconservação, recebe também contribuições das pulsões sexuais, correspondendo à escolha de objeto infantil, e, mais adiante no processo de desenvolvimento, os novos objetos serão escolhidos conforme o modelo dos infantis, buscando a ternura associada a eles em objetos mais adequados que possibilitem uma vida sexual real (FREUD, 1912[1996]).

Os fatores que podem se opor ao desenvolvimento da libido são, primeiramente, a real frustração da necessidade de se escolher um novo objeto, não havendo expectativa de se encontrar algo que o satisfaça, e, em segundo lugar, o quanto os objetos infantis a serem substituídos exercem um poder de atração sob o sujeito, poder esse equivalente ao que lhe foi investido na infância. Quando ambos os fatores são substancialmente fortes, ocorrem fixações nos primeiros objetos sexuais, e estes são obrigados a permanecer no inconsciente, sofrendo censuras. Há também a ascendência de algumas fantasias, que, por substituírem os objetos incestuosos por outros, chegam à consciência sem de fato contribuir para um real deslocamento da libido (FREUD, 1912[1996]).

Quando isso ocorre, uma possível consequência é a absoluta impotência psíquica, que pode vir acompanhada da debilidade dos órgãos necessários para o ato sexual nos homens, à frigidez nas mulheres, ou, pelo contrário, pode resultar em sujeitos que nunca falham no ato sexual, mas o fazem sem qualquer prazer especial. Quanto à atividade sexual de pessoas de instaurada impotência psíquica, Freud (1912[1996]) afirma:

Ela é caprichosa, facilmente perturbável, frequentemente incorreta na atuação, e de escasso prazer. Acima de tudo, porém, ela precisa evitar a corrente terna.

Produziu-se (...) uma limitação na escolha do objeto. A corrente sensual que permaneceu ativa busca apenas objetos que não lembrem as pessoas incestuosas proibidas; quando uma pessoa faz uma impressão que pode conduzir a uma elevada apreciação psíquica, isto não resulta em excitação da sensualidade, mas em ternura ineficaz eroticamente (p. 274).

Assim, aqueles que não conseguem unir as correntes ternas e as sensuais, tem sua vida amorosa desmembrada, dividida entre o amor celestial e o animal, pois “quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar” (p. 274). Na ocasião em que mesmo com os esforços para fazer uma escolha objetual que o distancie dos desejos ligados ao objeto a ser evitado, algo no novo objeto o faz recordar o antigo, ocorre o “retorno do recalado” e com ele as derrotas da impotência psíquica (FREUD, 1912[1996]).

Foi assim que Freud chegou a um fenômeno que declarou como uma tendência universal: o da depreciação na esfera do amor. Para proteger-se do distúrbio da impotência, o sujeito passa a depreciar seu objeto sexual, reservando para o objeto incestuoso e seus representantes a ternura que se vê incapaz de direcionar ao objeto substituto. Após a desqualificação do objeto, a sensualidade está livre para se manifestar e levar o sujeito à obtenção de altos níveis de prazer (FREUD, 1912[1996]).

O autor aponta também que é evidente como, em sua maioria, o homem civilizado traz em seu comportamento amoroso os estigmas da impotência psíquica, sendo raros aqueles que conseguiram unir as correntes terna e sensual com propriedade. Desses processos resulta a utilidade de manter como amantes mulheres vistas por eles como inferiores, com quem é possível aplicar a plena sua potência sexual, e outra mulher por quem possuem ternura, diante da qual sua potência sexual se encontra limitada devido ao respeito que têm por ela (FREUD, 1912[1996]).

A cultura também exerce forte impacto na conduta amorosa das próprias mulheres, onde não se nota a mesma tendência à depreciação do objeto sexual, sendo para elas desfavorável que os homens não tenham capacidade de se aproximarem com sua plena potência ou que percam sua ternura após a consumação do ato sexual. Dessa forma, em decorrência da privação imposta às mulheres de sua própria sexualidade, a sensualidade é confinada na fantasia, não raramente de maneira que torna rígida a conexão entre o ato sexual e a proibição. Logo, muitas mulheres se tornam psicologicamente impotentes quando aquilo que lhe é negado se torna enfim permitido (FREUD, 1912[1996]).

Dessa forma, foram levantadas algumas das circunstâncias que afetam o modo do sujeito de se relacionar com o mundo externo, de maneira que se apresentam as limitações dos laços formados sob os obstáculos da tendência à indiferença, à depreciação, à

impotência e à repetição. São tendências universais, acompanhadas de tantas outras durante a pós modernidade, resultantes de desejos conflitantes de fortalecer laços e simultaneamente mantê-los afrouxados. Bauman (2004) afirma que, no líquido cenário da vida moderna, “a incapacidade de escolher entre atração e repulsão, entre esperanças e temores, redundava na incapacidade de agir” (p.9), tornando os relacionamentos interpessoais mais pautados no padrão do consumo de bens descartáveis, sem a possibilidade de assumir formas mais sólidas, estáveis e com uma maior expectativa de duração.

Diante de tais circunstâncias, tornar um novo objeto um objeto de amor se torna um grande risco, fazendo com que o sujeito entre constantemente em contato com ameaças de perdas, questionando seu vínculo e o grau de dependência desenvolvido para com o objeto. A respeito da dor da separação entre o sujeito e o objeto amado, Nasio (1997) afirma:

A dor é o afeto que exprime na consciência a percepção pelo eu — percepção orientada para o interior — do estado de choque, do estado de comoção pulsional (trauma) provocado pela ruptura, não da barreira periférica do eu, como no caso da dor corporal, mas pela ruptura súbita do laço que nos liga ao outro eleito. Aqui, a dor é dor do trauma. (p.26)

Bauman (2004), ao analisar a fragilidade dos vínculos contemporâneos, fala sobre como contatos menos arriscados, que não tiram o conforto do sujeito, se tornam atraentes a medida em que permitem em algum nível a previsibilidade dos eventos. Essa demanda pela aproximação de objetos que suscitem menos conflitos, sendo mais facilmente incorporados ao Eu do sujeito, corroboram com o que foi discutido ao longo do capítulo a respeito dos mecanismos de autopreservação. Desejos contraditórios, além de já estarem presentes desde o princípio do desenvolvimento psíquico (FREUD, 1913[2012]), são inerentes a importantes instituições culturais contemporâneas, o que torna expressões das ambivalências afetivas um fenômeno expressivo da condição humana.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DO FILME

O terceiro capítulo deste trabalho é dedicado à investigação acerca dos temas levantados nos capítulos anteriores, convertendo em objeto teórico de análise o material obtido a partir da obra cinematográfica “Pais e Filhas” (título original *Fathers And Daughters*), lançada no Brasil em 2016, dirigido por Gabriele Muccino, com o roteiro produzido por Brad Desch. O drama é ambientado em Nova York, 1989, e retrata a vida do novelista Jake Davis (Russel Crowe), que passa a criar sozinho a filha de cinco anos após a morte de sua esposa. Vinte anos depois, a solitária e já adulta filha de Jake (Amanda Seyfried) revive experiências de seu passado ao se deparar com um desafio em seu trabalho, onde deve prestar atendimento psicológico a uma criança que passou por experiências traumáticas e não se comunica pela fala, e ao conhecer Cameron (Aaron Paul), um jovem escritor e fã de Jake Davis.

O primeiro frame do filme retrata Katie, aos cinco anos de idade, entristecida e de aparência desleixada ao lado do pai, que se encontra junto a ela em um sofá com a mesma postura. As cores escuras retratadas na cena e o som desarmônico emitido pela caixinha de música que ela manuseia geram contraste com a cena seguinte, de uma lembrança, em que ela, o pai e a mãe (Patricia) brincam pela mesma sala alegremente, dando muitas risadas. Em seguida é retratado outro momento, em que os três se encontram em um carro à noite, voltando de um evento para escritores, e a mãe de Katie está brigando com seu pai ao acusá-lo de flertar com outra mulher na sua frente, se lembrando de uma traição cometida por ele sete anos atrás. O diálogo é interrompido por uma buzina, seguida de uma colisão entre o carro deles e uma caminhonete. Katie sai ilesa, Jake é hospitalizado devido aos seus ferimentos e sua esposa vem a óbito.

Ao trazer esses elementos já no início do filme, nota-se que o impacto da morte repentina de Patrícia trará diversos desdobramentos para a história de vida dos personagens Jake, que perdeu sua esposa, e Katie, que perdeu sua mãe. São retratadas diferentes faces do luto no decorrer do filme, e alguns aspectos notórios sobre o acidente que ocasionou a morte de Patrícia foram: 1) Jake estava conduzindo o carro e não conseguiu evitar o choque com o outro veículo; e 2) A última interação entre Jake e a esposa foi um conflito marcado por acusações.

É possível que o novelista tenha como sofrimento não apenas a dor da perda, mas também a culpa pelo ato cometido que poderia ter levado à perda do objeto amado. A raiva ou o ódio direcionado ao objeto, inevitável em relações de longa data devido à

alta carga de afeto que é suscitada ao longo dos anos, é censurada por indicar uma satisfação a partir da morte do objeto amado, o que pode dar uma tonalidade patológica à vivência do luto (FREUD, 1915a[1996]). Dessa forma, esses conteúdos recalçados que podem levar a uma culpa inconsciente podem ter como fator agravante o fato de o acidente ter ocorrido em um momento em que ambos estavam irritados um com o outro, fazendo com que Jake tenha mais dificuldade em se utilizar se impulsos hostis para reverter o processo de identificação com o objeto perdido.

A seguir, o filme retrata momentos de angústia vivenciados por Jake, quando, ao trabalhar, ele escreve e termina rasgando os papéis, se corta ao tentar se barbear devido a um tremor em suas mãos e apresenta dificuldade no sono associadas a crises convulsivas. Durante as cenas há um enfoque em elementos como espaços vazios e fotografias com sua esposa e a filha, que transmitem a solidão do personagem. Ao buscar atendimento médico, o doutor lhe diz que as convulsões são sinal de algo sério, e se ele não buscar tratamento, a condição poderia se agravar para a ocorrência de surtos psicóticos. Uma internação psiquiátrica é sugerida como tratamento, ao que Jake responde “Não posso ir, tenho uma filha para criar”. A isso o médico rebate: “É exatamente por isso que você precisa ir, porque você tem uma filha para criar”.

Diante dos sintomas apresentados por Jake, podem ser formuladas hipóteses sobre o impacto do rompimento repentino do vínculo entre ele e sua esposa. Assim, perante a separação entre o Eu e o objeto com quem ele possuía uma forte identificação, e levando em conta as considerações de Caruso (1968[1986]), sua resposta diante da situação de perda fica caracterizada como uma “Catástrofe do Eu”. Essa resposta faz com que ela recorra a mecanismos de defesa que protegem seu psiquismo de um agravamento do caso, sendo esse risco avaliado como iminente pelo médico que o atendeu.

Há ali o aparecimento de sintomas que o levariam a uma gradativa diminuição de suas funções e à invalidez, e, durante sua reorganização, pode se dizer que as doses flutuantes de libido, antes associadas ao objeto amado perdido, passam a ser voltados a outro objeto: a filha. Logo, retomado as hipóteses de respostas do sujeito diante das situações de perda levantadas por Caruso (1968[1986]), Jake manifesta o que o autor nomeou como “fuga para adiante”, pois o personagem encontra alívio na dedicação a substitutos. Dessa forma, em seu movimento de reconstrução, Jake opta por buscar tratamento para que possa desempenhar papéis que antes eram de Patrícia como mãe, pois, após sua morte, ele passou a criar Katie sozinho.

A despedida entre Jake e sua filha é emocionante para ambos. A menina fica com sua tia, Elizabeth, por sete meses, enquanto seu pai permanece em uma clínica psiquiátrica. Na ocasião do reencontro, a tia da menina, com uma taça de vinho em mãos, tem um diálogo agressivo com Jake, estando sob efeito do álcool. Enquanto Elizabeth lamenta a morte repentina de sua irmã, seu marido a interrompe e faz a proposta para que Katie continue com eles por mais tempo, mas Jake não concorda. Elizabeth se irrita e diz que quer adotar a sobrinha, insinuando que o pai não teria condições de criá-la, ao que o escritor reage saindo da sala e chamando pela filha para que fossem embora. Enquanto a tia da menina vira mais um copo de bebida, seu marido afirma “Nós tínhamos ensaiado!”, ao que ela responde: “Ele não matou a sua irmã, matou a minha! ”.

Aqui podem ser feitas algumas observações sobre o processo de luto de Elizabeth. Apesar de seu sofrimento não receber um grande enfoque na trama, é revelado que ela nutre o desejo de ter a companhia e de assumir os cuidados da sobrinha, e que culpa o cunhado pela perda de sua irmã, desvalorizando-o e manifestando sentimentos de ódio contra o mesmo. Mais adiante, quando o marido de Elizabeth afirmou que as duas eram muito ligadas, Jake revela que Patricia odiava a irmã, se referindo a mesma como descontrolada, egoísta e julgadora.

Diante das indicações de intensos conflitos entre as duas antes do acidente que ocasionou o óbito de Patricia, pode ser levantada a hipótese de que diante da perda de seu objeto amado, com quem se presume que havia uma conexão marcada por sentimentos ambivalentes de amor, ódio e indiferença, é possível que os desejos inconscientes de caráter destrutivo que Elizabeth possuía direcionados à irmã resultavam em ideias incompatíveis, gerando a necessidade de proteção do Eu. Dessa maneira, podem ter sido colocados em prática mecanismos de defesa que enfraqueceram a ideia ao desassociá-la de seu afeto correspondente, dando ao impulso destrutivo outra direção, assumindo um novo objeto: Jake.

É possível também supor que, no passado, Elizabeth já via em Jake um rival. Levantando a hipótese de que ele, ao receber o afeto de Patricia, recebia um afeto que Elizabeth desejava que fosse direcionado para si, pode ter ocorrido uma ferida da integridade da figura narcísica, a culpa por não ter sido capaz de manter o amor do objeto amado e o ódio contra aquele que o detêm, como foi discutido no capítulo anterior acerca da dor psíquica do ciúme (NASIO, 1997). Dessa forma, o envilecimento do viúvo de sua irmã gera satisfação de impulsos destrutivos, e ainda serve a um novo objetivo, de se

mostrar mais capaz que ele para cuidar de Katie, atualizando assim a rivalidade entre os dois.

Após essas cenas retratando o passado, o filme revela como está Katie vinte e cinco anos depois, como uma pós-graduanda em psicologia. Em sua universidade, ela propõe a um jovem por quem não possui interesse ou admiração que eles façam sexo em um banheiro escuro ao ser convidada por ele para um encontro. Ao final do ato, o rapaz lhe pergunta se eles poderão se ver novamente, ao que ela responde que não. Ao ser questionada sobre o motivo de ela ter sugerido a relação sexual com ele, Katie responde que não havia tido tempo para ir academia naquele dia. Ao sair de lá, a jovem vai até os consultórios onde presta atendimento psicológico infantil, e recebe o caso de Lucy Carter, uma menina de doze anos que, em seus primeiros anos de vida, perdeu o pai por uma overdose de drogas, e teve a mãe, que trabalhava com prostituição, assassinada há um ano. Desde o enterro de sua mãe, Lucy não disse uma palavra.

A seguir, há um contraste entre a cena em que ela atende a menina em seu consultório, onde a visão da sala apresenta cores quentes e a postura acolhedora e carinhosa de Katie, e a cena seguinte, em que ela mesma está sendo atendida em outro consultório, sendo os tons presentes bem mais frios, e a postura de Katie, mais reclusa. Durante a sessão, ela fala sobre como é incapaz de amar, tendo amado uma única vez em sua vida, há muito tempo, e se descrevendo hoje como um poço vazio, seco e estéril. Ela nega que esse seja o motivo que a leva a fazer sexo com tantos rapazes e diz não sentir nada na maior parte do tempo, mantendo esse comportamento para sentir algo que ela não sabe definir. Ao ser questionada sobre o que aconteceria se ela gostasse de algum rapaz que conhecesse, respondeu que provavelmente o faria se arrepender do dia em que olhou para ela. Na cena seguinte, ela aparece conversando com um rapaz que acabou de conhecer em um bar, dizendo a ele, já sob efeito de álcool, que possui tendências autodestrutivas e ocasionando uma relação sexual com ele em um carro na rua em seguida.

As cenas do filme, que fazem um paralelo entre a infância e a vida adulta de Katie, indicam que a única pessoa a quem ela amou, como disse em sua sessão de terapia, foi seu pai. As circunstâncias da separação entre os dois e a repercussão desses acontecimentos serão reveladas e discutidas mais adiante, mas desde essa cena já se evidencia a associação feita pela personagem entre sua incapacidade de amar os outros e a si mesma e o sexo sem compromisso que ela faz com homens que não a agradam.

As falas e comportamentos de Katie sugerem que ela se encontra no estado descrito por Freud (1912[1996]) como de “impotência psíquica”, condição discutida no capítulo anterior deste trabalho, que resulta de um desenvolvimento incompleto da libido do sujeito. Apesar de manter relações sexuais com frequência, ela não obtém nessa atividade a satisfação dela esperada, e se torna evidente a sua falta de ternura ou respeito por aqueles escolhidos como seus objetos de desejo. Há homens que se aproximam de Katie manifestando de maneira mais explícita seu desejo sexual, mas, mesmo diante daqueles que demonstram interesse em se aproximar dela de maneira mais terna, sua postura é de se mostrar disponível apenas sexualmente, e não afetivamente. Katie não demonstra possuir consciência do que a leva a agir dessa forma, e acredita ser incapaz de amar alguém, ou seja, de manifestar uma corrente terna em conjunto com a sensual e ter uma atitude considerada por ela “normal” no amor.

Como foi apontado por Freud (1912[1996]), os fatores que se opõem ao sucesso do desenvolvimento da libido remetem a frustrações referentes à necessidade de buscar satisfação em um objeto substituto. As dificuldades que o sujeito vivencia na procura de algo no mundo externo que ocupe o lugar do seu objeto da infância, centro de grande investimento libidinal e que já foi em certa medida incorporado ao Eu do sujeito, por vezes ocasiona em fixações nos primeiros objetos. Dessa forma, pode ser levantada a hipótese de que Katie, em suas escolhas objetais na vida adulta, reflete limitações ocasionadas pela censura e pelas dificuldades de deslocamento da libido.

Ao tentar compreender o que faz com que Katie evite escolher um objeto de desejo que a agrade de maneira mais abrangente, remetemos às descobertas de Freud (1912[1996]), que diz que aqueles acometidos pela impotência psíquica têm necessidade de esquivar-se da corrente terna, limitando a escolha de objeto àqueles que não se assemelhem ao objeto de amor da infância. Dessa forma, ao exigir o mínimo e conhecer da maneira mais superficial possível aqueles com quem mantem relações sexuais, Katie se protege do retorno daquilo que se esforça para manter reprimido.

Outro aspecto relevante das falas de Katie durante sua sessão de terapia é que, ao afirmar que, se ela conhecesse algum rapaz que a agradasse, o faria se arrepender de tê-la conhecido, ela revela certo nível de perturbação da autoestima. Vale ressaltar que, como mencionado anteriormente, para Freud o autoenvilecimento é um traço característico do sujeito em melancolia, processo que se dá a partir da perda objetal inconsciente, que nesse caso pode estar associada à perda tanto de sua mãe quanto de seu pai durante o período da infância.

A dificuldade de elaboração da perda pode vir associada também a tendências de autopunição, em que o sujeito passa a lidar com desejos de morte conscientes ou inconscientes. A personagem possui conhecimento sobre a psicologia, e após se depreciar em sua sessão de terapia, Katie diz ao rapaz que acabou de conhecer no bar “tenho tendências muito destrutivas”. Esse contexto remete ao que foi discutido anteriormente a partir das contribuições de Kovács (1992), quanto aos impulsos agressivos inicialmente direcionados a um objeto externo que podem passar a ser direcionados ao próprio sujeito após sofrer censuras do psiquismo, tornando possível a satisfação desses impulsos hostis por meio de atos autodestrutivos.

Katie não diz claramente que seu comportamento sexual é o que ela julga como ato autodestrutivo, mas diante de sua insatisfação com a sua autoimagem e sua maneira de se relacionar, além da possibilidade de contração de doenças ou de uma possível gravidez não desejada como consequência de hábitos sexuais irresponsáveis, essa hipótese pode ser levantada.

A seguir, o filme retoma o passado, em uma cena em que o marido de Elizabeth se desculpa pelo temperamento de sua esposa e tenta convencer Jake a desistir de tirar sua filha da Worthington, a escola particular conhecida por ser a melhor do país. O pai da menina, que passava por grandes dificuldades financeiras, respondeu que não tinha condições de pagar as mensalidades, tentando disfarçar um tremor que começou em suas mãos, e o tio de Katie respondeu: “Por favor, o prazer é nosso, você nunca verá uma conta. Prometo. É o mínimo que a gente pode fazer”. Jake continua recusando ao dizer que eles já fizeram o bastante, então o tio o alerta que escolas públicas são uma selva e sobre como seria improvável que ele conseguisse uma vaga em outra escola particular, percebe os tremores de Jake, que se intensificaram, e pergunta se ele está bem, ao que ele responde, levantando-se da mesa apressadamente e com dificuldade: “Eu vou dar um jeito. Deixe-me pagar a sua bebida. Eu não... Eu não vou criar a minha filha com um comitê”. Ao sair do ambiente cambaleante em direção a um lavabo, os tremores de espalham pelo corpo até ele não conseguir ficar em pé.

Essa cena sugere uma associação entre o sintoma de Jake e um assunto que lhe causa alto nível de estresse, a criação da filha. A ideia de posse de dinheiro e de poder aquisitivo é muito associada no imaginário social à ideia de autoridade. Assim, a partir da interferência do tio, o personagem revive a ameaça de perder a guarda da filha, e opta por não aceitar a ajuda financeira dos parentes na tentativa de desviar-se do vínculo com

eles, como fica exposto da maneira que Jake afirma que eles já fizeram o bastante e ele não quer criar a filha com um comitê.

Jake desenvolveu os tremores após o acidente que ocasionou o óbito de sua esposa, o que não nos permite fazer uma associação direta entre os fatos, tendo em vista a diversidade de fatores da história de vida do personagem que podem ter provocado seus sintomas, porém é possível levar à hipótese de que esse sintoma faz parte do quadro desenvolvido pelo novelista a partir de sua dificuldade em elaborar sua perda e em se adaptar às novas condições de vida, e, por se tratar de um sintoma manifestado no corpo, podemos assumir que Jake apresenta uma conversão. Como foi exposto anteriormente, Freud (1894[1996]) afirma que em sujeitos predispostos à conversão, o afeto associado a uma ideia percebida como incompatível é separado da mesma devido ao mecanismo de proteção do Eu, porém, essa recusa não alcança o êxito total.

Dessa forma, a tentativa do psiquismo de recusar a ideia incompatível deixa rastros, não sendo possível a sua eliminação e sim seu enfraquecimento. O afeto assume uma nova direção ao ser convertido, ocorrendo uma somatização total ou parcial, que não protege o sujeito da recordação da ideia incompatível. Freud afirma que essa ideia gera um núcleo onde se agrupam afetos procedentes de outros eventos que apresentem semelhanças ao primeiro, logo, aplicando essa concepção ao caso de Jake, pode ser levantada a hipótese de que ele associa de alguma forma a perda da esposa à ameaça de separação da filha, o que justificaria a progressão de seus tremores no decorrer da conversa com o tio da menina.

As cenas seguintes retratam Katie já adulta, pensativa ao segurar o livro que seu pai escreveu, “Pais e filhas”, e posteriormente ela aparece fazendo um atendimento, tentando conversar com sua pequena paciente sobre andar de bicicleta, sem que a menina diga uma palavra. Não é informado o número de sessões que se passaram, mas a falta de indicadores de progresso faz com que sua supervisora ameace transferir o caso para outra psicóloga mais experiente, quando ocorre o seguinte diálogo:

Supervisora: Ela terá uma vida insuportável se não conseguirmos ajudá-la, e rápido. É... Nós falhamos com ela. Temos que consertar isso.

Katie: Não falhamos com ela!

Supervisora: Katie, você é uma jovem incrível, vai se tornar uma psicóloga excepcional um dia. Mas você tem que admitir uma derrota e seguir em frente.

Em seguida, irritada, Katie pede para levar a menina ao parque, ao que a supervisora responde que o problema não é o ambiente, e sim a terapeuta. Disse que não era possível sair com a menina do consultório, mas deu a ela mais uma semana de

atendimento. Katie está visivelmente enraivecida durante todo o diálogo, e o encerra dando as costas à supervisora e dizendo “obrigada” ao sair da sala batendo a porta.

Esse trecho da trama revela como, para Katie, a possibilidade de separação entre ela e essa paciente nessas condições representa uma ameaça à integridade de sua figura narcísica, recebendo diretamente uma avaliação de incapacidade que afeta a imagem de seu valor profissional, além do sofrimento pela perda da paciente em si. Como é demonstrado nas cenas anteriores e é confirmado no decorrer do enredo, Katie passa a ter essa paciente como objeto de amor, demonstrando uma forte identificação com a mesma, e diante da atitude da supervisora de ameaçar a separação das duas, sua superior se torna alvo de impulsos hostis de Katie, que ficaram evidentes devido às expressões faciais, gestos e falas agressivas da protagonista.

A partir das falas da supervisora, também é possível supor que a mesma reforçou o sentimento de culpa em Katie ao responsabilizá-la por não conseguir uma melhora rápida e expressiva na situação da menina. A culpa inflige um sofrimento associado ao pesar pelo ato cometido que pode prejudicar ou levar à perda do objeto amado, e diante desse e dos outros afetos suscitados nesse diálogo que constituem uma ameaça ao Eu da personagem, é possível conceber que o ódio surge nessa situação com uma função reestruturante para com a imagem do indivíduo.

A sessão seguinte com a paciente ocorre no parque, e a menina segura a mão de Katie enquanto as duas estão ali, mas o progresso não é suficiente para sua supervisora, que decide transferir o caso e ordena que ela se despeça de Lucy na próxima sessão. Quando Katie se despede e diz que irá apresentar outra pessoa que vai passar a brincar com ela, Lucy fala: “Não. Eu quero ficar com você”.

No caminho para casa, Katie visita algumas lembranças felizes que tem com o seu pai. Lembra-se de quando ele a ensinou a andar em uma bicicleta rosa, de quando eles cantavam e dançavam ao som da música “Close to you – Carpenters”, e de quando o pai estava escrevendo um livro sobre Katie, e ao contar isso a ela a mesma pede que o livro não seja só sobre ela, mas sobre os dois.

A seguir, Katie está sozinha em uma casa noturna quando é abordada por um rapaz que foi até ela pois ouviu que ela é filha de seu ídolo literário. Ele conta que leu “Pais e filhas” muitas vezes desde que era menino, e esse livro teve um grande impacto em sua vida. Ele fica muito impressionado após confirmar que ela de fato é a “batatinha chip” do livro, como Jake sempre a chamava carinhosamente, e se apresenta como Cameron. Os dois passam o resto da noite conversando sobre suas vidas, ele é um escritor

freelancer e está começando o seu primeiro livro, um romance. Ele a deixa na porta de casa, e ambos se despedem e combinam de se reencontrarem no dia seguinte. Não ocorre nenhum contato físico e ambos aparentam estar envolvidos, com os olhos brilhando e dando muitos sorrisos, ambos direcionavam sua total atenção um ao outro. A seguir se passam várias cenas de passeios e momentos dentro de casa que demonstram a passagem de um longo período de tempo e a aproximação dos dois, e quando finalmente ocorre a relação sexual entre eles, a cena retrata acentuado afeto e amabilidade entre os dois.

A partir do que foi representado, podem ser feitas algumas considerações sobre o impacto da fala da paciente Lucy na vida de Katie. Ao dizer que queria ficar com ela, podemos considerar que o gesto da menina não apenas impediu o rompimento abrupto do vínculo entre as duas, que viria acompanhado do sofrimento da perda e da ferida da figura narcísica que já haviam sido antecipados, como também fortaleceu o vínculo entre as duas, dando continuidade a um processo de identificação de Katie com a paciente. Assim como Lucy, a protagonista também perdeu seus pais na infância e apresenta dificuldades em manter relações interpessoais, logo, é possível que esse caso tenha se tornado especialmente importante para ela ao trazer a possibilidade de ressignificação de seu próprio sofrimento ao acompanhar o progresso da menina.

No decorrer do filme são retratadas diversas cenas a partir da alternância entre o passado e o futuro, sem que isso sugira que algum dos personagens esteja tendo uma lembrança, sendo a cena em que Katie revisita seus momentos felizes com o pai uma exceção. A cena transmite que a personagem, ao passear pelo parque após sua sessão, vê-se naquele espaço enquanto criança, acompanhada pelo pai ao tentar aprender a andar de bicicleta. As cenas seguintes, com a música tocando e o pai escrevendo seu livro, também transmitem o intenso afeto compartilhado entre o pai e a filha, o que, nesse contexto, pode significar que a ideia de que ela era incapaz de amar, sendo um poço vazio, seco e estéril, estava enfraquecendo.

Essas condições podem ter contribuído para que Katie tenha permitido uma aproximação de Cameron, um jovem que pode lembrá-la de seu maior objeto de amor, seu pai, em vários aspectos. Além de o jovem ser um escritor e demonstrar um grande apreço por ela que precedia o encontro dos dois, Cameron tinha o livro “Pais e Filhas” como uma obra de forte impacto em sua vida, o que pode ter dado margem à várias associações por parte de Katie. Pode ser levantada a hipótese de que ela foi capaz de direcionar à Cameron o que Freud (1912[1996]) chamou de corrente terna, como foi mencionado no capítulo anterior, corrente que durante a infância é direcionada pela

primeira vez a objetos de amor primários, no caso, seu pai. Dessa forma, no decorrer do desenvolvimento, essa corrente passa a ser direcionada a novos objetos conforme o modelo infantil, porém, durante seu desenvolvimento, Katie apresentou certo nível de impotência psíquica, marcada pela elevada frustração da necessidade de escolher um novo objeto e pelo forte poder de atração que esse objeto infantil ainda exercia sobre ela, o que pode ter sido ocasionado por uma vivência traumática da perda do objeto de amor da personagem.

Sendo levantadas essas condições que tendem a trazer dificuldades para a escolha de um objeto amado para Katie, a mesma ainda foi capaz em seu novo relacionamento não apenas de direcionar sua corrente terna a um rapaz que, devido a suas semelhanças com o objeto primário, poderia ocasionar o “retorno do reprimido”, como conseguiu posteriormente unir em certo nível as correntes terna e sensual.

Voltando para o passado, Jake está fazendo uma sessão de autógrafos no lançamento de seu livro, quando sofre novamente com os tremores nas mãos, o que faz com que ele se retire para outro cômodo, onde ele tem uma convulsão que dura alguns instantes. Alguns dias depois, sua editora mostra a ele o que grandes críticos disseram sobre seu último livro, e os comentários eram tão negativos que foram vistos por Jake como ataques pessoais: “um livro tão ruim que fará você pensar se Jake Davis já foi bom um dia”, “é tão incompreensível que poderia ter sido escrito em aramaico, ou melhor, nem ter sido escrito”. A editora, visivelmente apreensiva, lhe explica que após essas críticas, os investidores não irão pagar o esperado, diz que lutou bastante, mas eles só se importam com o dinheiro. Jake fica agitado, diz que são só críticas, ele não se importa com críticas e vai embora.

Após tentar convencer a filha a desistir de ir ao aniversário de sua tia Elizabeth, já no evento, o marido da mesma vai até ele conversar. Após cumprimentá-lo, diz que sente muito pelas críticas que fizeram a seu livro, perguntando como ele fez para lidar com o tanto que odiaram as suas obras. Jake respondeu “Você levanta, sacode a poeira e parte para a próxima” e tentou continuar andando, mas o tio o segue e diz:

Olha, acha que não notei você tremendo na última vez que nos encontramos? Parecia que ia ter uma convulsão. Eu admito, fiquei preocupado vendo você lutar contra impulsos que não consegue controlar mesmo depois de tanto tempo no hospital. O livro é a prova, Jake. Você não está pronto para o mundo. Você não foi feito para ser pai. Deixe Katie com alguém que realmente tem capacidade de cuidar dela. Dizer à sua filha que a ama e que fará o melhor para ela é a pior das hipocrisias

Nesse momento ele tem sua fala interrompida por um empurrão de Jake, esbarrando em cima do pianista, o que faz com que todos olhem para eles. O tio ri e brinca para todos ouvirem, em uma tentativa de amenizar a situação, mas em um tom baixo ameaça Jake, dizendo que “Agora você se deu mal”.

Essas são duas das diversas cenas que retratam o sofrimento de Jake, onde a situação do personagem parece se agravar diante de manifestações de maiores níveis de estresse e convulsões em compromissos profissionais. Ao receber duras críticas quanto à sua obra, sobre a qual estava confiante, recebeu também ataques pessoais à sua imagem e reputação. Dessa forma, Jake, que já se sentia sobrecarregado pelas exaustivas horas de trabalho que dividia entre dar aulas em um colégio (onde conseguiu garantir a vaga de sua filha), dedicar-se à publicação do livro e cuidar de Katie, ele percebeu que não conseguiria quitar as dívidas que teria dificuldades para prover para sua filha. Diante dessa situação, as ameaças e humilhações possuíam um impacto ainda maior, e com o círculo social reduzido, Jake recebia apoio apenas de sua editora e de sua filha.

Voltando para a Katie adulta, ela e Cameron estão se divertindo em um bar quando ele sai para pegar drinks e ela é abordada por um homem visivelmente alcoolizado, que tenta lembrá-la de que ambos já passaram a noite juntos e que ele queria repetir o que fizeram. O homem fica irritado quando ela não recorda qual é o seu nome e pede que ele a deixe sozinha, começa a ofendê-la com palavras de baixo calão e oferece dinheiro para que ela vá embora com ele. Nesse momento, Cameron volta à mesa e, sem entender o que estava acontecendo, ameaça fisicamente o sujeito, que vai embora em seguida. Chegando em casa, Cameron e Katie estão constrangidos, e a jovem fala sobre como o parceiro deve vê-la como uma vadia após presenciar aquela cena, o que ele nega. Em seguida, ela tenta explicar sobre como usou esses comportamentos dos quais se envergonha para preencher o seu vazio no passado, afirmando não compreender o porquê de agir assim, e ele tenta tranquilizá-la dizendo que está tudo bem entre os dois, pois isso está no passado.

Em outra data, Cameron a convida para um jantar com sua família em outra cidade, e ela aceita. Chegada a data, eles estão a caminho do ônibus, atrasados, quando Katie demonstra nervosismo e diz não estar pronta para ir. Cameron tenta acalmá-la, mas ela pede desculpas, vira suas costas e vai embora correndo. Ele corre atrás dela, que atravessa a rua desorientada e entra no primeiro táxi que aparece, onde ele também entra em seguida.

Katie: Me desculpa. Eu não sei o que aconteceu.

Cameron: Você tem PHD em psicologia.

Katie: E o que isso significa?

Cameron: É óbvio o que aconteceu. Você se acovardou. O que houve, você achou que os meus pais não iam gostar de você, ou achou que eles iam gostar demais de você e você estaria mais fundo nisso do que gostaria, é isso?

Katie: Quão fundo estou? – Respondeu parecendo surpreendida pela pergunta.

Cameron: Eu não sei. Eu não sei Katie, não sei o que estamos fazendo. Vou te dizer, eu estou cansado! Estou cansado de...

Katie: De que?

Cameron: Eu só estou cansado de tentar entender o que é isso! Se é só para passar um tempo tá tudo bem, sabe porquê? Por que isso me faz feliz. Você pode olhar para mim enquanto falo com você, Katie?

Katie: Me desculpe! - E enquanto diz essa frase desce do carro correndo mais uma vez.

Novamente ele desce e corre atrás dela, que corre mais rápido quando ele tenta segurá-la. Após uma breve perseguição, ele a alcança novamente e pede a ela que fale com ele. Ela está ofegante e não consegue olhá-lo nos olhos, diz que não é só um passatempo. Ele responde que isso é ótimo, pois o que ele havia dito no carro era mentira. Ela diz que não sabe como ser a namorada, e ele a abraça dizendo que está tudo bem. Após alguns segundos ela o abraça de volta.

Essas cenas enfim revelam as dificuldades que Katie enfrenta ao fortalecer seu vínculo com o novo objeto amado, Cameron. Pode-se presumir que Katie está em conflito ao agir de maneira ambivalente, aparentando não estar certa de que deseja se aproximar ou se afastar do parceiro. Ao levantar hipóteses sobre os afetos de Katie, tentamos compreender como diferentes tendências estariam se manifestando, sendo possível que ela estivesse sentindo amor e ódio pelo mesmo objeto simultaneamente como foi proposto por Bleuler (1915).

Freud (1915a[1996]) aponta que, diante de um objeto pelo qual o sujeito tem sentimentos de amor, ele tem o desejo de aproximar-se o quanto for possível, de maneira até mesmo a incorporá-lo ao Eu. Porém, diante de objetos que despertam sensações desagradáveis, o sujeito busca distanciar-se ou até mesmo manifesta uma aversão intensa e agressiva para com o objeto externo, afeto que pode ser descrito como ódio. Katie demonstra sentimentos de afeição por Cameron, aceita seu convite para encontrar seus pais e não demonstra impulsos agressivos direcionados a ele, mas ao esquivar-se do mesmo demonstrando intensa confusão, declarando-se para ele em seguida, pode se presumir que há conteúdos recalçados sendo lembrados diante da situação analisada.

Katie nesse contexto não direciona impulsos agressivos a Cameron, não faz acusações ou cobranças, ao invés disso, justifica seu distanciamento reconhecendo que é ela quem está agindo de maneira imprópria ao se desculpar e assumir que não consegue “agir como a namorada”, o que remete à sua crença de que é incapaz de amar. Pode ser

levantada a hipótese de que, após o episódio ocorrido no bar, Katie voltou a autoenvilecer-se diante da possibilidade da perda do objeto, supondo que Cameron passaria a enxergá-la como alguém que não seria apto a receber seu afeto. Dessa forma, é possível que tenha ocorrido a emersão na consciência de algum conteúdo anteriormente reprimido, deformado após passar pela censura a fim de torna-lo aceitável.

Em uma banheira, Cameron e Katie estão juntos e ele diz que a ama como nunca amou ninguém, e que nem todos que a amam vão sair de sua vida. Ela responde que sabe disso racionalmente, mas não é o que sente, e ele deveria encontrar uma mulher menos complicada e parar de gastar seu amor com ela. Ele responde que adora gastá-lo com ela. As cenas seguintes mostram Katie com um pesar na expressão e certa apatia, até que um dia ela vai sozinha a um bar, e lutando contra seu sentimento de culpa, tenta atrair a atenção de um homem desconhecido que estava por perto, em seguida o levando até sua casa e tendo uma relação sexual com ele enquanto chora. Naquela noite ela espera Cameron chegar em casa e ver a embalagem de preservativo aberta que ela deixou perto da cama bagunçada. Ele ficou túrbido e foi questionar Katie sobre o que ela tinha feito, perguntando se o que ela queria era terminar, e dizendo que ela conseguiu. Ele sobe para fazer as malas e ela corre atrás dele dizendo que não quer terminar, que não sabe porque fez isso, pedindo que ele a escute e tentando tocá-lo, o que ele não permite. Ela chora dizendo que está com medo e eles seguem gritando pela rua, até que ele vai embora dirigindo.

Mais uma vez, Katie demonstra ambiguidade entre querer aproximar-se e querer distanciar-se de Cameron, tomando atitudes que poderiam ser interpretadas como sabotagem para em seguida implorar que o parceiro não a deixasse. A cena na banheira torna explícito que Katie possui um medo intenso de ser abandonada por aqueles que afirmam amá-la, e a tentativa de confortá-la não é suficiente para que esse medo deixe de atormentá-la. É possível avaliar que, ao embriagar-se e engajar-se em um encontro sexual com um estranho, mesmo que isso lhe causasse sofrimento (demonstrado em momentos de relutância e em seu choro), Katie agia de forma a satisfazer pulsões agressivas voltadas para si.

Pode ser levantada a hipótese de que o ato de Katie representa um processo autodestrutivo que em alguns aspectos se assemelha ao ato de autoeliminação descrito por Kovács (1992), como foi levantado no capítulo anterior, sendo a ambivalência entre querer viver e querer morrer passível de comparações com o querer aproximar-se ou afastar-se do objeto amado. É possível identificar diferentes graus de intencionalidade

quanto às ideias de suicídio e também quanto às ideias de sabotagem de um relacionamento em que o sujeito tem amor pelo objeto amado. Em ambas as situações deve ser avaliada a possibilidade de reversão do método utilizado para a acabar com a vida ou com o relacionamento e devem estar presentes três componentes: o desejo de destruir, o desejo de ser destruído e o desejo de permanecer nesse estado após a consumação de um ato sem possibilidade de reversão.

O primeiro componente, o desejo de destruir, corresponderia à obtenção de prazer por meio de atos sádicos, e o segundo, o desejo de ser destruído, corresponderia à substituição da meta do ato sádico, invertendo o papel ativo pelo passivo (FREUD, 1915a[1996]). Dessa forma, é possível supor que infligir sofrimento em Cameron leve à satisfação de impulsos hostis, uma vez que o laço entre ele e Katie gera conflitos na personagem, e a permanência do parceiro após tentativas frustradas de afastá-lo pode suscitar sentimentos ambivalentes de amor e ódio.

Já a satisfação do desejo de ser destruído é possível após a manifestação da hostilidade que passa a ser descarregada no próprio sujeito, mas que, em sua origem, era direcionada a um outro objeto, sendo ele externo e associado a uma ideia intolerável, o que ocasiona em interferências e censuras do psiquismo como parte de um mecanismo de defesa. Uma hipótese acerca da traição de Katie seria que, ao tomar uma atitude que julgava como repulsiva e condenável dentro de um relacionamento monogâmico, ela estava gerando uma situação em que Cameron a visse como ela mesma se vê, indigna e incapaz de amar, o que serviria como punição pelos seus comportamentos do passado e a daria o destino que ela “merece”, sozinha após fazer alguém que gostava dela se arrepender de tê-la conhecido, como a mesma disse anteriormente em sua sessão de terapia.

Quanto ao terceiro componente, que corresponde ao desejo de permanecer no estado destruído, este pode não estar presente apesar do primeiro e do segundo componente estarem manifestos. Da mesma forma que após a tentativa de suicídio um sujeito pode buscar reverter a situação buscando por ajuda, conforme foi dito por Kóvacs (2002), a pessoa que se engaja em processos autodestrutivos pode tentar reverter a sua situação em algum momento. Katie afirma que não sabia o que estava fazendo, o que pode ser interpretado como a falta de consciência da mesma sobre o que ela visava alcançar com esses atos ao levar em consideração os seus sentimentos de amor pelo parceiro. Porém, havia intencionalidade no seu ato de ir sozinha a um bar e seduzir um desconhecido. A mesma aguarda até que Cameron chegue à conclusão de que ocorreu

uma traição, escuta em silêncio suas acusações e apenas quando ele dá as costas a ela dizendo que acabou que Katie corre atrás dele, tenta se justificar e começa a chorar.

Após um período de tempo não especificado chorando sozinha sem sair da cama, Katie se arruma, toma vinho e vai até um bar, onde continua bebendo e um casal a convida para sair de lá e se juntar a eles. Quando estava de saída, a música que a lembra seu pai e sua infância, “Close to you – Carpenters”, começa a tocar. Ela se emociona e, com dificuldade em andar, permanece no bar, sendo agressiva com o casal que volta para procura-la, e começa a chorar copiosamente próxima à Jukebox, dizendo que sente muita saudade. Em seguida ela pede ajuda para chamar um táxi de volta para casa e são mostradas novamente algumas lembranças felizes que Katie tem do pai.

Aqui é demonstrada a reação de Katie após o término de seu relacionamento amoroso. Resgatando as hipóteses de respostas do sujeito diante de situações de perda propostas por Caruso (1968[1986]) no primeiro capítulo, é possível que a personagem esteja vivenciando a “Catástrofe do Eu”, em que o rompimento do vínculo com o objeto amado, com o qual possuía forte identificação, constitui uma dura ameaça de mutilação do Eu, que leva o sujeito à regressão. Dessa forma, Katie volta a buscar engajar-se em relações sexuais com desconhecidos, mas, em uma situação de vulnerabilidade agravada pelo uso abusivo do álcool, é acometida pela lembrança de seu pai, trazendo à tona não apenas o sofrimento pela perda do objeto substituto, como também a dor da perda do objeto primário de amor.

Ao chegar ao trabalho, Katie recebe a notícia de que sua paciente, Lucy, com quem havia tido um grande avanço nas sessões, foi adotada, então mudaria de bairro e deixaria de ser atendida por ela. Durante a última sessão das duas, quando Katie fala sobre as mudanças pelas quais a menina passaria após a adoção, ela lhe dá um tapa em seu rosto e vira para ir embora, mas Katie a segura e lhe dá um abraço. As duas vão para o parque, e lá Katie conta que não se lembra de muita coisa sobre a própria mãe, mas que amava profundamente o pai. Ele era um escritor que não estava mentalmente bem, passava dias e noites escrevendo seu último livro, que era sobre ela, sobre como ele nunca desistiu dela e sobre como a amava, sendo também sua forma de dar adeus. Ela diz que o livro fala sobre como a vida às vezes é difícil, dolorosa e injusta, mas não devemos nunca desistir. Ela diz à Lucy que, após passar por muita coisa difícil, ela deve sempre seguir em frente, e a única coisa que ela pode fazer é dizer para a menina que a ama e lhe dar um adeus. Emocionada, Katie pede que ela fique bem, pois tem muita coisa boa pela frente. Lucy diz que a ama também, e que promete que vai ficar bem.

Como foi levantado anteriormente nesse capítulo, o vínculo fortalecido entre as duas aparenta profundo enraizamento de Lucy, tida como objeto eleito para recebimento de grande investimento libidinal, no inconsciente de Katy. Dessa vez, diferentemente da última ameaça de rompimento, o que ocasionou o fim do acompanhamento dela não levaria a uma ferida da figura narcísica, pois não foi consequência de uma má atuação profissional por sua parte, mas um acontecimento esperado, a adoção da menina por uma família. Isso pode gerar sentimentos ambivalentes em Katie, que ao mesmo tempo que pode ficar feliz por ela, se entristece pela inevitabilidade do rompimento do vínculo entre as duas nessa situação, não havendo nada que possa ser feito.

Katie aproveita aquele que pode ser seu último momento com a menina para passar a ela lições baseadas em sua própria história de vida, o que seria justificado pela forte identificação que apresentou em relação à paciente, aparentando falar de si mesma para si mesma. Ela reconhece seu sofrimento e o amor que recebeu do pai, que lhe deu o exemplo de como não se deve desistir, e naquele momento Katie quis fazer o mesmo por Lucy, a fazendo se sentir amada e disposta a superar as dificuldades, não perdendo a esperança de que ela terá coisas boas no futuro. A emoção, as falas e gestos de Katie, quando em comparação com a sua postura diante da vida nas cenas anteriores, sugerem que naquele momento ela estava ressignificando sua dor diante de situações de perda com que se deparou durante toda sua vida.

Em seguida, retomando o passado mais uma vez, são exibidas cenas que retratam como, no mesmo dia em que Jake entrega o livro “Pais e filhas” à sua agente, manuscrito no qual trabalhou incessantemente durante três meses de intenso estresse envolvendo dívidas, a ameaça de perder a casa, batalhas judiciais pela guarda da filha e críticas vindo de diferentes esferas de sua vida, ele retorna para casa, coloca Katie para dormir, vai até o banheiro e, em uma crise convulsiva, cai batendo a cabeça em uma estrutura de metal, indo a óbito naquela mesma noite.

Durante o velório do pai, Katie vai até o caixão e diz a ele “Você é o meu batatinha (...) Só você e mais ninguém”. Ela passa então a viver com sua tia, recém divorciada após descobrir a traição do marido, o que teria agravado o abuso de bebidas alcólicas que ela já manifestava.

Voltado para a vida adulta de Katie, ela está triste em seu apartamento quando, de maneira repentina, sai correndo pela rua até chegar ao prédio de Cameron. Ela entra, ele abre a porta e ela imediatamente declara o quanto o ama, sobre como sente sua falta e deveria ter falado essas coisas antes, não o fazendo por medo, até ser interrompida por

uma mulher que estava dentro do apartamento e Cameron diz ser uma amiga. Diante da interrupção, a protagonista agradece a Cameron por tudo e vai embora correndo.

Outro dia, Katie está na casa de sua tia Elizabeth, que lhe diz: “Eu tive uma vida dura. Por isso eu fui dura de volta. Sou uma mulher adulta que nunca soube o que é o amor. Isso não é incrível? Meus pais foram iguais a mim. Minha mãe foi uma mulher terrível, e meu pai a gente só via em um ocasional jantar de domingo. ”. Katie escuta em silêncio as falas da tia sobre como é amargurada e como as mulheres não conseguem viver sem amor, diferente dos homens. Ao fim da tarde, voltando para sua casa, a protagonista encontra Cameron esperando por ela na porta.

Retomando para análise a cena da morte de Jake, como Katie, aos seis anos de idade, era a única pessoa presente no apartamento naquela data, pode se presumir que foi ela quem encontrou o corpo do pai, ocasionando um trauma de elevado impacto em seu psiquismo. Ao se deparar com essa situação, é possível supor que ela entrou em estado de choque pela ruptura súbita do laço que a ligava a seu pai. Tendo como fator agravante a idade em que se encontrava, marcada pela escassez de recursos do psiquismo para lidar com percepções muito dolorosas, e sendo isso somado à vivência do violento acidente de trânsito que ocasionou a morte da mãe, é levantada a hipótese de que essas perdas geraram uma lesão emocional intensa.

Retomando o que foi discutido anteriormente acerca das lesões emocionais, com base em Nasio (1997), constatou-se que elas desencadeiam processos autopreservativos que podem ter como consequência o medo de que uma situação semelhante se repita, a evitação de estímulos que possam trazer à tona lembranças da ocasião infeliz, afetos transfigurados em culpa e condutas impulsivas. Esses processos foram analisados em diversos momentos da história de vida de Katie, e algo a ser destacado é como esses aspectos favorecem repetições na vida do sujeito sem que esse tome ciência disso, como ocorreu com a protagonista por anos a fio, que chegou a desenvolver certo nível de impotência psíquica. É notável como a marca da repetição aparece também no discurso de sua tia, que repetiu o modelo relacional de sua mãe, ciente de algumas de suas semelhanças.

A fala de Katie durante o velório, “Você é o meu batatinha (...) Só você e mais ninguém”, pode oferecer indícios da fixação de sua libido nesse objeto específico, processo que muitas vezes persiste durante toda a vida. Resgatando mais uma vez as contribuições de Freud para a psicologia do amor (1912[1996]) discutidas no capítulo anterior, pode se considerar que a protagonista de fato apresentava uma real frustração

para com a necessidade de escolher um novo objeto, se recusando a colocar alguém no lugar do pai, sem apresentar a expectativa de encontrar alguém que a satisfaça. Tendo em vista também as numerosas lembranças felizes produzidas ao lado do pai, considera-se que o objeto infantil nunca deixou de exercer um forte poder de atração sobre ela. Unindo esses fatores às evidências de que a censura de conteúdos de seu psiquismo levava Katie a não compreender seus comportamentos destrutivos na vida adulta, é possível inferir que suas dificuldades relacionais mais recentes tinham em sua origem a dificuldade que apresenta desde a infância de elaborar suas perdas e adaptar-se às novas condições de vida.

Mudando o enfoque para as cenas que precediam a morte de Jake, algumas observações podem ser feitas quanto às condições desse acontecimento. O romancista, que também apresentou dificuldades em elaborar suas perdas após o falecimento da esposa, desenvolveu o que pode ter sido um quadro de convulsões histéricas, apresentou o agravamento dos sintomas com o passar do tempo a despeito da sua internação psiquiátrica e enfrentava uma série de dificuldades relacionadas principalmente à criação da filha, sua vida profissional, financeira e sua autoimagem. Katie interpretou a finalização do livro “Pais e Filhas” como um adeus, e o que provocou a morte de seu pai foi uma convulsão. Teria sido a sua morte resultado de uma auto eliminação intencional?

Para buscar respostas para essa pergunta, retomamos o que foi dito por Kóvacs (2002) a respeito do suicídio e as especulações de Freud relativas às pulsões de vida e de morte. Quando outros mecanismos não se mostram suficientes para tornar mais suportável a situação de perda, o suicídio pode surgir como alternativa seja de maneira consciente e voluntária ou por meio de processos inconscientes, lentos e crônicos. Jake aparentava estar sobrecarregado devido à alta excitação presente em seu psiquismo, sendo altos níveis de excitação associados geralmente ao desprazer, enquanto os baixos níveis são associados ao prazer. Nessas condições, são colocados em prática mecanismos que descarregam no próprio sujeito a hostilidade que em sua origem era direcionada a um objeto externo, e assim o psiquismo busca descarregar pulsões destrutivas para ficar mais próximo da estabilidade, expressando o princípio do Nirvana, e, conseqüentemente, a pulsão de morte.

Essa tendência descrita por Freud (1938[1996]), que busca baixar os níveis de excitação a zero, reflete uma inclinação dos organismos a retornar a um estado inanimado, favorecido por meio da destruição de objetos e da extinção de conexões. Dessa forma, a pulsão de morte opera silenciosamente, descarregando impulsos parcialmente enquanto

as partes remanescentes se mantem internas, uma vez que o descarregamento total da excitação psíquica levaria o sujeito à ausência de atividade, ou seja, à morte.

A partir dessas elucidações, podem ser levantadas hipóteses acerca da seguinte sequência de acontecimentos: 1) Receber a notícia de que não precisaria mais batalhar judicialmente pela guarda da filha, pois os tios da mesma haviam desistido do processo; 2) O término da produção do livro “Pais e Filhas”, que serviu para imortalizar seu afeto, seu aprendizado e as lições que gostaria de passar a Katie; 3) A entrega do manuscrito à sua agente; 4) Observar pela última vez a filha dormir; 5) Ir até o banheiro e ter uma convulsão, que o leva a se acidentar com uma fatal fratura na cabeça.

Pode ser feita uma suposição acerca de como a ocorrência de todos esses acontecimentos em um mesmo dia, quando Jake se apresentava exausto e apático mesmo diante de notícias que estavam sendo celebradas por aqueles que o acompanham, provocaram em certo nível o desligamento das conexões de Jake com objetos externos. Ao escrever o livro sobre a filha, o novelista pode ter depositado ali o que sentia que tinha a oferecer a ela, dando assim um fechamento à vinculação dos dois. Ele não precisava mais lutar contra os familiares que buscavam tomar a guarda de sua filha ou desvalidá-lo como pai, também não precisava lutar contra as dificuldades financeiras e pôde presentear sua agente, a pessoa mais presente em sua vida após sua filha, com um livro digno do prêmio Pulitzer após escrever em três meses o que costuma escrever em anos.

Ao final desse dia, é possível levantar a hipótese de que Jake, sujeito que ao sofrer separações reais e imaginárias de objetos amados experimentou a morte em vida, teve uma alta descarga de pulsão destrutiva voltada para si, ocasionada por intermédio do aparelho muscular devido à sua predisposição à conversão, o conduzindo à morte. Dessa forma, não se faz adequado classificar esse acontecimento como uma autoeliminação intencional, uma vez que a atuação das pulsões de morte, silenciosa e mescladas às pulsões de vida, é descarregada de maneira inconsciente, tornando esse acidente bastante distinto de um ato de auto eliminação consciente, voluntário e intencional.

Quantos ao que foi discutido sobre cenários contemporâneos nos capítulos anteriores, retomamos um fenômeno cultural que Freud (1912[1996]) afirmou exercer grande impacto na conduta amorosa feminina, que é a privação imposta de sua sexualidade, que resulta para muitas mulheres na incapacidade de sentir prazer no ato sexual quando aquilo que lhe era negado se torna enfim permitido. Na atualidade, tendo em vista o crescimento de movimentos sociais que promovem o empoderamento feminino, a expectativa de privação sexual para as mulheres diminuiu, mas ainda está

presente, o que não impediu a personagem Katie de vivenciar a sua sexualidade sem pudor por anos a fio. Sendo essa sua conduta percebida posteriormente pela própria personagem como autodestrutiva, uma vez que a protegia de se expor a conexões mais significativas com o outro, pode se falar em um excesso tóxico que gerava mal-estar.

Esse mal-estar se difere daquele presente no fenômeno de privação sexual descrito por Freud, mas ainda expressa a incompatibilidade entre as exigências pulsionais e as restrições impostas pela civilização. A personagem satisfazia seus impulsos relativos à corrente sexual e reprimia sua corrente terna, o que era acompanhado de julgamentos severos, e assim, da necessidade de punição do Eu que se tornara masoquista diante do sadismo do Supereu (FREUD, 1930[1996]). Katie se deparou com muitas incapacidades diante de suas ambivalências, e por muito tempo sucumbiu às tendências universais de se manter indiferente e manter seus laços com o mundo externo afrouxados, como apontam Dunker (2017) e Bauman (2004), como uma maneira de se proteger do sofrimento. Porém, ao final do filme, a mensagem transmitida foi que a personagem passou a enfrentar as situações que lhe geravam repulsa e temores após ressignificar sua história, lutando contra crenças negativas que apresentava sobre si mesma e sobre o rumo que a sua vida deveria tomar, abrindo mão do lugar de sofrimento que lhe era familiar.

Diante dos fenômenos representados pelos personagens dessa trama, foram levantadas hipóteses a fim de testar a aplicabilidade dos conceitos de pulsão e de ambivalência afetiva com enfoque no contexto da separação entre o sujeito e seu objeto amado, sendo retratados vínculos com diferentes graus de envolvimento em relacionamentos amorosos, familiares, profissionais e terapêuticos. Dado o exposto, em vista da variedade de processos que permeiam os mecanismos de defesa utilizados na manutenção da dificuldade de elaboração da perda, destaca-se a complexidade das formas de sofrimento psíquico advindas dos processos de separação, notadamente marcados pelas contradições entre o amor, o ódio e a indiferença em cenários contemporâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo de investigar formas de sofrimento psíquico advindas do processo de separação entre sujeito e objeto amado, foram analisados processos de subjetivação concernentes a relações entre amor, ódio e indiferença sob a perspectiva da psicanálise freudiana. Para isso, os conceitos de pulsão e de ambivalência afetiva foram escolhidos e testados em diferentes contextos marcados pela dor da perda, tendo em vista que essas vivências fazem parte da vida de todo sujeito e podem ocasionar intenso sofrimento psíquico.

O primeiro capítulo abordou as diferentes respostas que o sujeito pode apresentar diante de uma situação de perda, tratando de temas como a identificação com o objeto perdido, a agressividade e a indiferença para com o objeto como processos que visam o enfraquecimento do vínculo, o deslocamento da libido para novos objetos, a racionalização como forma de legitimar o desligamento, o suicídio e outras expressões de impulsos destrutivos. Posto isso, buscou-se fazer uma análise da impermanência da libido e das dinâmicas pulsionais nesses contextos, abordando a primeira dualidade proposta por Freud, entre a pulsão do Eu e a sexual, e a segunda, entre a pulsão de vida e a de morte.

O segundo capítulo, por sua vez, propõe-se à investigação do conceito da ambivalência para Freud, abordando a temática da escolha objetual e como ela pode se levar o sujeito a sentir amor, ódio e indiferença por um mesmo objeto. Foi levantado também o modo como essas dinâmicas podem ser compreendidas a partir de três polaridades – entre o sujeito (Eu) em oposição ao objeto (mundo externo), o prazer em oposição ao desprazer e o ativo em oposição ao passivo – e como vários atos no campo amoroso podem estar voltados para a satisfação de tendências sádicas. Todos esses processos se dão no contexto da modernidade líquida, e foram discutidos também como os aspectos da sociedade contemporânea contribuem para a manutenção de uma cultura da indiferença que produz grande impacto nas ditas patologias sociais, dando destaque à impotência psíquica.

O terceiro capítulo foi destinado à investigação dos temas levantados nos capítulos anteriores, visando testar a aplicabilidade dos conceitos freudianos ao desenvolver hipóteses relativas às vivências dos personagens da obra cinematográfica “Pais e Filhas”. Foram coletadas como material de análise as cenas que retratavam situações concernentes a situações de separação entre sujeito e objeto amado, e a partir delas foram analisados vínculos e variados processos que permeiam as dificuldades de elaboração da perda.

Diante disso, foi examinado que, ao aplicar os conceitos e concepções freudianas em questão na análise de situações de separação entre sujeito e objeto amado, se favorece uma compreensão mais ampla dos fatores que propiciam certas escolhas objetais e o uso de um mecanismo de defesa em detrimento de outro. Visando uma contribuição mais proveitosa para o campo da psicologia, algumas questões que podem ser trabalhadas futuramente com maior profundidade seriam a investigação da aplicabilidade de outros conceitos freudianos em contextos de separação entre sujeito e objeto, como o narcisismo e a transferência, além da compreensão acerca de como o sofrimento psíquico advindo desses processos se difere para as crianças quando em comparação com os adultos.

Em virtude de tudo que foi exposto, esse estudo visa fornecer elementos que favoreçam a compreensão de demandas que se fazem presentes em clínicas de psicologia e outros espaços voltados para a promoção de saúde mental por poderem ocasionar intenso sofrimento psíquico, sendo a separação entre o sujeito e seu objeto amado uma experiência vivenciada por todo indivíduo. Ao eleger esse tema para pesquisa, busca-se contribuir para as práticas de reconhecimento e tratamento do sofrimento, chamar a atenção para a importância da escuta dos sujeitos que se encontram nesse processo, além de servir como contribuição acadêmica e para a formação profissional.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. São Paulo: Zahar, 2004.

CARUSO, Igor A (1968). **A separação dos amantes: uma fenomenologia da morte**. Cortez, 1986.

DA COSTA, Patricia Ferreira. **O conceito de ambivalência em DW Winnicott**, 2016. 109f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Brasília, 2004.

DUNKER, Christian. Narcisismo e a Cultura da Indiferença | Christian Dunker. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NSQeGipn5Zw>>. Publicado em: jun. 2017. Acesso em: jun. 2018.

FREUD, Sigmund. (1894). **As Neuropsicoses de Defesa**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume III. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1909). **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume X. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1910a). **Psicanálise Silvestre**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XI. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1910b). **Contribuições à Psicologia do Amor I: Um tipo de escolha de objeto feita pelos homens**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XI. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1911). **Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia ("O Caso Schreber")**. Obras completas. Vol. X. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. (1912). **Contribuições à Psicologia do Amor II: Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XI. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1913). **Totem e Tabu**. In: Obras completas, (Vol. XI: Totem e tabu, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XIV. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1915a). **Os Instintos e suas Vicissitudes**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XIV. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1915b). **O Inconsciente**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XIV. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1916). **Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XIV. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1917a). **Luto e melancolia**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1917b). **Contribuições à Psicologia do Amor III: O tabu da virgindade**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XI. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1921). **Psicologia de Grupo e a Análise do Ego**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XVIII. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1923). **O Ego e o ID**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XIX. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1924). **O Problema econômico do Masoquismo**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XIX. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1930). **O mal-estar na civilização**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XXII. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1938). **Esboço de Psicanálise**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Volume XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. RJ: Zahar, 1996.

KOVÁCS, Maria Júlia (1992). **Morte e desenvolvimento humano**. 5ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

LAGOAS, J. M. **Epistemologia, Psicanálise e Políticas do Sofrimento Psíquico**. Projeto de pesquisa do Programa de Mestrado em Psicologia UniCeub ICPD. 2017.

MEZAN (2011), Renato. **Freud: a trama dos conceitos**. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2003

NASIO, J.D. **O livro da Dor e do Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Michel Pechêux e análise de discurso. **Revista Estudos da Linguagem**. Vitória da Conquista, n. 1, junho/2005.

PONTALIS, J. B.; Laplanche, J. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

RAVANELLO, Tiago; MARTINEZ, Marisa de Costa. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. **Cadernos de psicanálise**. Rio de Janeiro, 35(29), 159-183, 2013.